

Reflexões

sobre 1 Timóteo

Vincent Cheung

Título do original: *Reflections on First Timothy*

Copyright © 2009 by Vincent Cheung

<http://www.vincentcheung.com>

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto

Direitos para o português gentilmente cedidos pelo autor ao site *Monergismo.com*.

<http://www.cheung.com.br>

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Nova Versão Internacional (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.



SUMÁRIO

1. POR ORDEM DE DEUS.....	4
2. A AUTODEFINIÇÃO DO CRISTÃO	6
3. NOSSO SALVADOR E NOSSA ESPERANÇA.....	8
4. VERDADEIRO FILHO NA FÉ	10
5. ORDENANDO AOS HEREGES	13
6. USOS ESTRANHOS DA ESCRITURA.....	15
7. A VERDADEIRA NATUREZA DO NÃO CRISTÃO.....	17
8. O BOM COMBATE.....	19
9. AMPLIE A VISÃO	21
10. TRAQUILIDADE E PAZ	23
11. O EVANGELHO PARA TODOS OS GRUPOS	25
12. HÁ UM SÓ DEUS, A TRINDADE.....	28
13. UM SÓ MEDIADOR, JESUS CRISTO	30
14. O CONHECIMENTO DA VERDADE	32
15. LIDERANÇA MASCULINA NA IGREJA	35
16. BISPOS E DIÁCONOS	38
17. A COLUNA DA VERDADE	40
18. A DOUTRINA DE DEMÔNIOS	43
19. CUSPIR EM CRISTO, A DESPEITO DOS GREGOS	46
20. O EXEMPLO DO MINISTRO.....	50
21. CARIDADE INTELIGENTE, COMPAIXÃO COM PRINCÍPIOS.....	54
22. O MINISTÉRIO COMO OCUPAÇÃO	57
23. ESCÂNDALOS E DISCIPLINA	61
24. O APÓSTOLO INSPIRADO VS. MERETRIZES ACADÊMICAS.....	64
25. O SEGREDO DO CONTENTAMENTO.....	66
26. COMBATA O BOM COMBATE.....	69

1. POR ORDEM DE DEUS

Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, por ordem de Deus... (1 Timóteo 1.1)

A Bíblia nos introduz a ideia de revelação, e espera que mantenhamos isso em mente quando a abordamos. Revelação é uma demonstração ou divulgação de informação por Deus. A informação poderia ser sobre ele mesmo ou sobre algo que ele conhece, e ele conhece todas as coisas. Deus se revelou ao homem desde o princípio da criação, e falou a Adão e Eva em palavras. Ele continuou falando à humanidade após o homem pecar. Contudo, ele não falou a todos os homens diretamente, mas principalmente a agentes que ele criaria e ordenaria que falassem e registrassem suas palavras em escritos.

Por muitas gerações, Deus falou por meio dos seus profetas, que registraram suas palavras em prol da publicação e perpetuidade. Então, Jesus Cristo veio e falou sobre Deus, sobre si mesmo, e sobre salvação. Embora Cristo fosse superior a todos os profetas que vieram antes dele, e a todos os apóstolos que pregaram após ele, seria enganoso dizer que as palavras de Cristo eram superiores em autoridade àquelas dos profetas, como se os profetas falassem por autoridade própria. Antes, os profetas falaram por ordem de Deus e pelo Espírito de Cristo, de forma que era de fato Cristo mesmo quem falava por meio deles, e Deus não pode ser maior que ele mesmo. Ele poderia cumprir revelações anteriores e entregar uma revelação mais plena, mas nenhuma que fosse maior em autoridade. Isso não é desonrar o ministério e revelação de Cristo, mas honrar toda a revelação bíblica como procedente de Cristo.

Não era o intuito de Cristo completar a revelação bíblica por seu ministério sobre a Terra, mas ele disse que faria isso por seu Espírito através dos apóstolos, a quem ele entregou o restante da revelação de Cristo em seus sermões e registros escritos. Esses apóstolos foram escolhidos por Cristo em pessoa durante seu tempo sobre a Terra. Mas Paulo foi um caso especial. Ele era um fanático que era leal à religião judaica até que o Cristo ressurreto apareceu a ele e o comissionou para se tornar um apóstolo da fé cristã, e especialmente aos gentios. Dessa forma, ele era um apóstolo não por tradição, nem por sucessão, nem por afiliação denominacional, nem por credenciais acadêmicas, e não pela autoridade e aprovação de meros homens, mas por ordem de Deus. Como ele testemunhou, seu conhecimento da religião cristã veio por revelação, e muito do Novo Testamento consiste do que ele deixou registrado. O restante do Novo Testamento, e de fato o restante da Bíblia, foi produzido da mesma forma pela mão ou autoridade dos profetas e apóstolos.

A Bíblia é uma revelação escrita da parte de Deus, e devemos abordá-la como tal. Em termos do que Deus decidiu nos dizer, e em termos de acurácia e autoridade, não há diferença entre Deus e a Bíblia. Dizer, “A Bíblia diz” é dizer “Deus diz”. Os dois são sinônimos. Isso fornece definição para a fé cristã. Isto é, você pode alegar ser um cristão, mas você não é um cristão de verdade se discorda de Paulo, ou de Mateus, ou Isaías. Enquanto discordar da Bíblia, você pode dizer que é um cristão — você pode proferir os sons que formam a sentença — mas você não pode enganar a Deus. Se discorda da Bíblia, então você discorda de Deus, e não é um cristão. E se você não é um cristão, então não tem direito às promessas e bênçãos que Deus depositou em Cristo com os cristãos como os beneficiários.

Assim, sempre que abordamos a Bíblia, devemos lembrar que ela é a revelação escrita da parte de Deus, e fornece um padrão inflexível que define e governa todas as doutrinas e práticas da fé cristã. Este é o motivo pelo qual, quer estejamos lendo as cartas de Paulo, as profecias de Daniel, ou os Salmos de Davi, é Cristo quem fala por meio das páginas, e quem ensina nossas mentes à medida que lemos, de forma que nossa resposta às palavras da Escritura é nossa resposta ao próprio Deus. Não deve existir nenhuma lacuna em nossas mentes entre fé em Deus e fé na Bíblia, ou obediência a Deus e obediência à Escritura. Possa o Espírito nos conceder sabedoria para perceber isso.

2. A AUTODEFINIÇÃO DO CRISTÃO

Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, por ordem de Deus... (1 Timóteo 1.1)

É comum as pessoas se definirem pelas coisas que são importantes para elas, aquelas das quais se orgulham, e que as têm mudado. Por essa razão, não é incomum elas se definirem em termos de nacionalidade, raça, treinamento e ocupação, sexo, *status* marital, e assim por diante. Elas frequentemente acham natural e necessário, e até mesmo recomendável, definirem a si mesmas por essas categorias. Aqueles que passaram por experiências notáveis ou até mesmo traumáticas poderiam também permitir que essas coisas as definam. Assim, há aqueles que se definem como sobreviventes ao câncer, ou a holocaustos, ou sobreviventes ao estupro, abuso, e assim por diante.

Isso é inaceitável para a fé cristã. Problemas ocorrem quando as pessoas definem a si mesmas por essas categorias humanas, e então permitem que estas estruturam a forma como percebem o mundo e se relacionam com os outros. Por exemplo, uma pessoa que se defina primariamente por sua raça poderia até mesmo se recusar tornar-se um cristão. Ouvi dizer sobre uma mulher que recusou crer em Cristo porque o Filho de Deus em sua natureza humana não era chinês. A verdade era secundária, mas a raça suprema. Sem dúvida, os judeus tinham um problema análogo, visto que hesitaram em aceitar alguém de Nazaré. E certo pastor chinês tentou provar que os chineses tinham de fato sangue judeu. Se isso soa ridículo, então assim o é também o Cristianismo “Messiânico”, e o Cristianismo “Negro”. Sabemos que eles são cristãos pobres no momento em que se definem por esses rótulos. A repreensão que Jesus deu a Pedro se aplica a eles, pois têm em mente não as coisas de Deus, mas as coisas dos homens.

É difícil simpatizar com a forma de pensamento deles. Cristo deve ser tão central em nossa autodefinição que ele deveria sobrepujar e obscurecer todos os outros fatores humanos. Podemos estar cientes desses fatores humanos, mas eles deveriam se tornar relativamente insignificantes em como nos definimos. Se Cristo é Senhor em sua mente, e se ele é tudo em todos, como pode sua relação com ele ser definida por sua raça, sexo ou educação?

Se alguém tivesse razão para se orgulhar sobre as coisas da carne, este seria Paulo. Mas ele disse que considerava todas as suas credenciais humanas como lixo, até mesmo como estrume, para que pudesse ganhar a Cristo. Ele não era um judeu que por acaso era um cristão, mas era um cristão que por acaso era um judeu. Ele não era um erudito que também cria em Cristo, mas como um crente em Cristo, ele era por acaso um erudito também. Isto é, ele não definia sua fé cristã em relação a algum fator humano, tais como família, educação ou ocupação; antes, ele se definia e tudo sobre ele mesmo em relação a Cristo e o seu lugar no reino de Cristo. E via tudo no mundo a partir dessa perspectiva.

Você é um americano? Maravilha, mas considere isso lixo para que possa ganhar a Cristo. Se você é de fato cristão, você é um cristão que por acaso é um americano, e não o contrário. Você é em primeiro lugar um cidadão do céu. Você é negro? Tudo bem, mas esqueça isso. Se você é um cristão, você é uma nova criatura em Cristo, uma raça única dos escolhidos de Deus. “Espere”, diz você, “não deveria me orgulhar da minha

raça?”. Certamente não. Quem lhe disse essa tolice? O mundo lhe ensinou isso, não a Bíblia. Se você deve se orgulhar de ser negro, então não se queixe quando outros expressam o orgulho deles serem brancos ao invés de negros como você. Então, sem dúvida, o resultado é divisão e não unidade em Cristo. Qual é a sua ocupação? Um psicólogo? Ótimo, mas não pense que a psicologia pode explicar tudo, e não leia a Bíblia com a mentalidade de um psicólogo. Antes, julgue a psicologia com a mentalidade de um cristão. Raça, sexo e classe não fazem diferença alguma, mas somente o ser uma nova criatura em Cristo Jesus.

Você pode se queixar que é impossível abordar algo, incluindo a fé cristã, sem trazer conosco nossos próprios panos de fundo e pressuposições. Isso é verdade. Mas se você é um cristão, então você é uma nova criatura em Cristo – você tem um novo pano de fundo. E se você é um cristão, então a Bíblia ordena que você renove a sua mente – obtenha uma nova série de pressuposições. Reorienta o seu pensamento, e entronize Cristo em sua mente como o ponto de referência pelo qual você define a si mesmo e tudo o mais.

3. NOSSO SALVADOR E NOSSA ESPERANÇA

“... de Deus, nosso Salvador, e de Cristo Jesus, a nossa esperança ... (1 Timóteo 1.1)

Deus deseja se revelar como Salvador. Como Paulo explica em outro lugar, Deus escolheu se revelar ao formar duas linhas de humanidade e na maneira como ele se relaciona com elas. Ele preparou algumas pessoas para destruição, e nelas revela sua justiça, ira e poder na forma que ele as pune e na forma que ele as torturará para sempre no inferno. Ele também demonstra sua paciência ao tolerá-los por um longo tempo, em vez de exterminá-los antes do tempo apontado. Por outro lado, ele preparou alguns para salvação, e neles ele demonstra seu amor e misericórdia, e sua bondade e generosidade. Esses são aqueles a quem ele escolheu, e que receberiam dele fé em Jesus Cristo.

A vontade de Deus é que os seus escolhidos o conheçam como Salvador e se relacionem com ele como Salvador. Isso é extraordinário, visto que outros tipos de criaturas não o conhecem dessa forma e não podem se relacionar com ele dessa forma. Por exemplo, os anjos que pecaram foram condenados e expulsos de sua presença. Deus não fez nenhum esforço para redimi-los. E aqueles anjos que permaneceram fiéis não precisam de salvação. Todavia, ao se revelar como Salvador àqueles que escolheu para salvação, Deus demonstra esse aspecto de sua natureza e caráter aos santos anjos também.

A revelação de Deus como Salvador demanda a admissão que a humanidade caiu numa condição que requer tal resgate divino. O “braço de carne” — a força, inteligência e cooperação da humanidade — não pode salvar. Não pode resolver nem mesmo os problemas naturais deste mundo, muito menos absolver os homens das demandas da justiça divina e arrebatá-los do fogo do inferno. Portanto, a porta para a revelação de Deus como Salvador é a percepção do homem como pecador.

Além do mais, Deus se revelou como Salvador de uma maneira específica e pessoal, isto é, em Jesus Cristo o Filho de Deus. Em sua sabedoria e decreto soberano, Deus fez de Cristo o único caminho pelo qual podemos conhecê-lo como Salvador. Ele não salva à parte de Jesus Cristo. Dessa forma, Jesus é a única esperança para a humanidade. Os não cristãos não têm nenhuma base para pensar que eles serão declarados justos diante do trono de Deus, ou para pensar que algo bom acontecerá a eles após a morte. Eles enganam a si mesmos quando se apegam aos seus falsos deuses e superstições, incluindo sua ciência e filosofia, e aqueles que confiam em suas boas obras não conseguirão nada melhor.

Por outro lado, estou certo que serei declarado justo diante do trono de Deus, pois estou certo que Jesus já foi declarado justo por Deus. Minha certeza não reside em algo em mim ou algo que tenha feito, mas na justiça perfeita de Cristo. E Cristo é a base da minha esperança, minha expectativa, de que a bondade, misericórdia e gozo que é cheio de glória me aguardam do outro lado da morte. E isso não porque eu tenha conseguido essas recompensas por minhas boas obras. Não, até mesmo os melhores esforços são como lixo e imundícia diante da santidade de Deus — eles não passam pelo teste. Mas eu sei que Cristo foi testado e aprovado, e que ele assegurou todas essas coisas para mim. Ele me deu fé nele, de forma que por minha afiliação com ele, compartilho de sua herança da parte do Pai. O nível de minha estima por Cristo é o meu nível de confiança com respeito à minha salvação, pois ele é o meu Salvador e minha Esperança.

4. VERDADEIRO FILHO NA FÉ

“A Timóteo, meu verdadeiro filho na fé ... (1 Timóteo 1.2)

Deus disse ao primeiro homem, Adão: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra!”. Embora isso seja frequentemente chamado de “Mandato Cultural”, e seja de fato um mandato, isso não sugere o escopo de “fazer cultura” que alguns cristãos tentam inferir a partir dele. O mandamento para povoar a Terra encoraja a reprodução humana, e para fazer o empreendimento mais confiável, poderia também implicar o estabelecimento de famílias e Estados. E o mandamento para subjugar a Terra poderia fornecer justificção para o desenvolvimento de todas as técnicas e tecnologias relevantes, e tudo o que utilize a natureza para os nossos benefícios a curto e longo prazo, e para a glória e honra de Deus, o que poderia incluir uma preservação da própria natureza. Muitas outras implicações menos óbvias que estão em harmonia com o espírito e o propósito do mandato poderiam também ser permitidas.

O mandato de fato requer que a humanidade “faça cultura” nesse sentido. Mas parece forçado demais fazer com que isso justifique tudo desde pintura a capitalismo, e desde poesia a alpinismo. Isso não equivale a dizer que essas coisas, e muitas outras que as pessoas tentam justificar pelo Mandato Cultural, sejam ilegítimas (embora algumas possam ser bem ilegítimas, ou pelo menos uma perda de tempo), mas que elas não podem ser justificadas sobre a base do Mandato Cultural. Algumas pessoas são entusiásticas sobre coisas que desejavam perseguir se não tivessem se tornado cristãs, e após sua conversão, elas querem encontrar justificção bíblica para perseguir essas mesmas coisas, como se até fossem ordenadas a fazê-lo.

Reprodução é sem dúvida uma parte do mandato. Deus ordenou que o homem reproduzisse e enchesse a Terra. Todavia, como se dá com alguns dos outros mandamentos que têm a intenção de serem cumpridos por comunidades inteiras, não espera-se que algum indivíduo cumpra esse mandamento em todas as formas possíveis. Por exemplo, o próprio fato que uma pessoa não pode ser macho e fêmea ao mesmo tempo, ou se reproduzir utilizando apenas os seus esforços e recursos, demonstra que é impossível que uma pessoa cumpra sequer a exigência mais básica do mandato. A humanidade como um todo cumpre o mandato.

Em adição, há diferentes formas de contribuir para o cumprimento do mandato. Certamente, não deveríamos dizer que uma pessoa que adota e cria órfãos, mas que não tenha filhos próprios, falha em cumprir o Mandato Cultural. Ele de fato contribui para o crescimento da humanidade. É um equívoco pensar que todo indivíduo deve ter seus próprios filhos biológicos para cumprir o Mandato Cultural. A Bíblia diz que cada

pessoa tem seu próprio dom da parte de Deus, de forma que alguém poderia manter-se solteiro, e outro poderia casar-se. Cada um deve contribuir para o Mandato Cultural da sua forma.

Cristo adiciona outra dimensão, uma dimensão espiritual, ao cumprimento do Mandato Cultural. Após a Queda, Deus dividiu a humanidade em duas linhagens — a linhagem de Cristo e a linhagem de Satanás — e prometeu que um Salvador nasceria e esmagaria a cabeça da serpente. Todos nascem como pecadores, mas alguns são transformados e trasladados para a linhagem de Cristo. É essencial entender que as duas linhagens da humanidade não são distinguidas pelo sangue, mas pela escolha soberana de indivíduos por Deus, isto é, por sua bondade para com esses indivíduos e pela obra do seu Espírito neles. Muitos erros têm se originado devido a uma falha em aplicar consistentemente esse princípio. Essa permanece uma das causas raízes para a perversão do evangelho.

Deus prometeu a Abraão que os seus descendentes encheriam a Terra, mas ele nunca pretendeu que isso significasse seus descendentes naturais, ou seus descendentes segundo a carne. Antes, Deus referia-se aos seus descendentes segundo o espírito, ou descendentes que viriam da promessa, inclusive pelos atos de seu poder ressuscitador. Isso foi demonstrado em Ismael e Isaque. Ambos eram descendentes naturais de Abraão, mas somente Isaque era o filho da promessa, um filho que Deus produziu pelo seu poder, e que Abraão recebeu simbolicamente dentre os mortos quando o ofereceu a Deus sobre o altar, sendo impedido pelo Anjo do Senhor apenas no último momento. Assim, os filhos que Deus prometeu seriam descendentes de Abraão, relacionados a ele, não pelo laço comum de sangue, mas pelo laço comum da fé. E eles cresceriam, se multiplicariam e encheriam a Terra.

Esse ensino continuaria a receber ênfase por toda a Bíblia. João o Batista repreendeu os judeus por pensarem que poderiam apelar a Abraão como seu ancestral natural. Ele disse que Deus poderia fazer surgir filhos a Abraão mesmo das pedras. Jesus negou que os judeus fossem os descendentes de Abraão, visto que os judeus estavam conspirando assassinar Jesus, algo que Abraão nunca teria feito. De fato, Abraão viu o dia de Cristo e se regozijou. Isso é clara indicação que a promessa concernente aos descendentes de Abraão referia-se àqueles que herdariam a fé de Abraão, e não o sangue de Abraão. Ele reverenciou a Cristo, e qualquer que não faça isso não é seu filho. Em outro contexto, Jesus declarou que qualquer um que faça a vontade do Pai é seu irmão, irmã e mãe. E em sua carta aos gálatas, Paulo escreve que aqueles que são da fé são os filhos de Abraão, e herdeiros da promessa.

Como cristãos, nosso mandato não é apenas fazer filhos, nem mesmo fazer cultura, mas “fazer discípulos de todas as nações”. Não devemos cumprir apenas o Mandato Cultural, mas também a Grande Comissão. E assim como os filhos verdadeiros de Abraão são filhos de sua fé, nossos filhos verdadeiros são aqueles que

seguem nossa doutrina e exemplo cristãos, e não aqueles que herdaram nosso material genético. Eu consideraria como um filho muito mais prontamente alguém que compartilhasse minha crença e visões, e que pudesse promover e continuar minha obra, do que alguém que fosse minha descendência biológica, mas que não herdasse minhas características espirituais, e que não compartilhasse de minha devoção a Cristo.

Timóteo não era descendente biológico de Paulo, mas o apóstolo o chamou de um “verdadeiro filho”, isto é, um filho na fé. Você é um verdadeiro filho na fé? Está fazendo filhos na fé? Vendo que a carne não é de nenhum proveito, mas é o espírito que conta para Deus, comprometemo-nos a produzir não um legado carnal e natural, mas um legado espiritual para a glória e honra de Deus.

5. ORDENANDO AOS HEREGES

Partindo eu para a Macedônia, roguei-lhe que permanecesse em Éfeso para ordenar a certas pessoas que não mais ensinem doutrinas falsas, e que deixem de dar atenção a mitos e genealogias intermináveis, que causam controvérsias em vez de promoverem a obra de Deus, que é pela fé. (1 Timóteo 1.3-4)

Um dos principais deveres de um ministro cristão é combater falsas doutrinas. Paulo provavelmente tinha algo definido em mente quando escreveu a Timóteo. É possível que a igreja estivesse sendo ameaçada com um precursor do gnosticismo, ou de alguma forma de misticismo judaico, ou uma mistura dos dois. O contexto histórico exato não é essencial para o entendimento e aplicação dessa passagem, visto que Paulo primeiro declara um princípio amplo, que Timóteo deve por um fim a homens que ensinam “falsas doutrinas”. Ele não pretende dizer que essas falsas doutrinas particulares deveriam ser detidas, mas todas as outras são permitidas. Todas as falsas doutrinas devem ser detidas.

Um ministro cristão que esteja indisposto ou que seja incapaz de fazer isso é um devedor, e introduz uma vulnerabilidade à sua igreja. Ele poderia estar indisposto de se opor a falsas doutrinas por não considerar que doutrinas sejam algo essencial. Mas elas são essenciais, visto que fornecem definição e orientação com respeito a cada aspecto da fé cristã. Não existe nenhuma fé cristã, e dessa forma nenhum conhecimento de Deus e de Cristo, nenhuma salvação, nenhuma justificação e santificação, nenhuma adoração a Deus, nenhuma comunhão com os santos, e nenhuma esperança de vida eterna, sem as doutrinas cristãs. Sem doutrinas, não há nada. Então, um ministro poderia ser incapaz de se opor às falsas doutrinas porque teme confrontar os heréticos, ou porque careça de conhecimento e inteligência para refutá-los. Seja qual for a razão, essa é uma séria deficiência num ministro, e desse ser tratada com extrema urgência.

Não devemos permitir que o mundo nos ensine como lidar com os falsos mestres. Alguns ministros têm maior respeito pelos padrões não cristãos de cortesia acadêmica do que pelo Senhor Jesus Cristo. E se eles querem parecer intelectuais e respeitáveis diante do mundo, e polidos de acordo com o padrão do mundo, então não prestam para serem pregadores do evangelho. Paulo não diz a Timóteo que dialogue com os falsos mestres, ou aprenda a perspectiva deles, mas que ordene-os a parar.

Algumas pessoas pensam que a melhor forma de lidar com falsas doutrinas é debatê-las num fórum público, de forma que os cristãos possam ouvir os dois lados e decidirem por si próprios. Novamente, essa visão procede do mundo, e impõe

democracia e liberdade de expressão na política da igreja. A Igreja do Deus Vivo não é uma democracia. Jesus Cristo é Rei — sua opinião é verdade, e seu mandamento é lei. Ninguém tem o direito de se opor a ele ou expressar visões alternativas. Sem dúvida, seus ministros podem debater falsas doutrinas, mostrando de que formas esses ensinamentos são errôneos, mas eles não podem fazer isso interminavelmente, e eles devem falar com autoridade, ordenando que os falsos mestres cessem com as suas heresias.

6. USOS ESTRANHOS DA ESCRITURA

Querendo ser mestres da lei, quando não compreendem nem o que dizem nem as coisas acerca das quais fazem afirmações tão categóricas. Sabemos que a Lei é boa, se alguém a usa de maneira adequada. Também sabemos que ela não é feita para os justos, mas para os transgressores e insubordinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreverentes, para os que matam pai e mãe, para os homicidas, para os que praticam imoralidade sexual e os homossexuais, para os sequestradores, para os mentirosos e os que juram falsamente; e para todo aquele que se opõe à sã doutrina. Esta sã doutrina se vê no glorioso evangelho que me foi confiado, o evangelho do Deus bendito. (1 Timóteo 1.7-11)

As falsas doutrinas às quais Paulo se refere têm a ver com “mitos e genealogias intermináveis”. É possível que ele tenha em mente uma forma de misticismo judaico que reunia histórias e árvores genealógicas elaboradas. Embora essas poderiam estar mescladas com o que tais pessoas encontravam no Antigo Testamento, elas não vinham do Antigo Testamento, mas eram construídas pela imaginação deles. Dessa forma, o ensino deles não era baseado numa interpretação clara da Lei, mas numa mistura perigosa de referências bíblicas com uma coleção de afirmações privadas, distorcidas e especulativas.

Não é importante determinar a natureza exata das falsas doutrinas, visto que sabemos o suficiente a partir do que Paulo diz explicitamente na carta. Isto é, os falsos mestres se apresentavam como mestres da Lei, mas não usavam a Lei de maneira adequada. E esse uso inadequado da Lei tem a ver com ou é evidenciado pelos “mitos e genealogias intermináveis” em seus ensinamentos. A réplica de Paulo declara novamente o intento e propósito correto da Lei — definir iniquidades e condenar transgressores. Expõe a rebelião do homem, e revela tudo o que é contrário à sã doutrina e tudo que falha em se conformar ao evangelho. Ao usar a Lei como um livro fonte de sabedoria estranha e para alimentar suas fantasias esotéricas, os falsos mestres capacitavam as pessoas a se sentirem e parecerem religiosas sem ter que confrontar a força verdadeira dos seus ensinamentos.

Esta abordagem da Escritura é atrativa aos pecadores, pois permite-os demonstrar certa admiração pela revelação de Deus sem ter que reconhecer sua mensagem. Dessa forma, ela tem continuado até hoje em várias formas. Os exemplos são inúmeros. Alguns têm transformado as regras dietéticas da Lei em programas para perda de peso. Seus materiais prestam serviço labial à sabedoria exaustiva de Deus, mas

eles se referem aos benefícios na área de saúde que eles alegam conferir essas regras, e não às preocupações da Lei com respeito à limpeza espiritual, pecado e expiação, e sua predição de um Salvador. Em vez de extrair o verdadeiro valor da Lei, eles fazem zombaria dela.

Então, há aqueles que vasculham toda a Bíblia na tentativa de descobrir referências obscuras a dinossauros, gigantes e alienígenas, ou códigos ocultos no texto contendo predições sobre tiranos, guerras, assassinatos, tsunamis e colapsos econômicos, recentes e do futuro. Como Paulo disse, eles querem ser mestres da Bíblia, mas não sabem sobre o que estão realmente falando ou o que tão confiantemente afirmam. Seus ensinamentos estranhos apelam àqueles que querem dar a aparência de ser cristãos, mas que na realidade desejam uma religião que é vastamente diferente do que a Bíblia ensina.

A abordagem apropriada da Bíblia é considerá-la como o que ela se apresenta ser. A Bíblia é um registro escrito da parte de Deus, uma revelação, sobre si mesmo e sobre suas interações com a humanidade. É sobre o poder e a justiça de Deus, sobre a depravação e o fracasso do homem, e então sobre a graça de Deus e o sacrifício de Cristo, sobre a doutrina e adoração correta, e sobre o destino designado de cristãos e não cristãos. A Bíblia não é um livro de doutrinas estranhas e esotéricas, escrito para alimentar especulações doentias ou entreter os homens com contos de fada. Ela foi escrita para instruir e capacitar o povo de Deus, e para servir como um testemunho contra aqueles que se apartam dele.

7. A VERDADEIRA NATUREZA DO NÃO CRISTÃO

Dou graças a Cristo Jesus, nosso Senhor, que me deu forças e me considerou fiel, designando-me para o ministério, a mim que anteriormente fui blasfemo, perseguidor e insolente; mas alcancei misericórdia, porque o fiz por ignorância e na minha incredulidade; contudo, a graça de nosso Senhor transbordou sobre mim, com a fé e o amor que estão em Cristo Jesus. Esta afirmação é fiel e digna de toda aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o pior. Mas por isso mesmo alcancei misericórdia, para que em mim, o pior dos pecadores, Cristo Jesus demonstrasse toda a grandeza da sua paciência, usando-me como um exemplo para aqueles que nele haveriam de crer para a vida eterna. Ao Rei eterno, o Deus único, imortal e invisível, sejam honra e glória para todo o sempre. Amém. (1 Timóteo 1.12-17)

Deveríamos entender o que Paulo quer dizer quando escreve, “mas alcancei misericórdia, porque o fiz por ignorância e na minha incredulidade”. Ele não nega que era muito perverso, visto que chama a si de “blasfemo, perseguidor e insolente”. Ele não nega que era um pecador por ter agido em ignorância e incredulidade, visto que chama a si mesmo de “o pior dos pecadores”. Ele não quer dizer que sua ignorância e salvação mereceram salvação para ele ou compeliram Deus a salvá-lo, visto que então ele não teria necessidade de nenhuma “misericórdia” e “graça”. E, sem dúvida, nem todos os que agem em ignorância e incredulidade recebem misericórdia. Portanto, o “porque” em “mas alcancei misericórdia, *porque* o fiz por ignorância e na minha incredulidade” não pode se referir a algo que moveu Deus a salvar Paulo. Isso indica somente que ele estava numa condição que não era além da salvação. Isto é, ele não tinha cometido o pecado imperdoável, ou blasfêmia contra o Espírito Santo. Ou, ele não tinha caído sob a condenação de Hebreus 6.1-6 e 10.26-31.

Colocando de lado a confusão potencial acima, a declaração de Paulo sobre seu passado nos fornece *insight* sobre a verdadeira natureza de um não cristão.

Primeiro, um não cristão é uma pessoa ignorante — ele é estúpido. Da perspectiva do mundo, poucos eram mais instruídos e inteligentes que Saulo de Tarso. Mas a perspectiva do mundo é errada, visto que é o ponto de vista de homens tolos. Agora Paulo vê que ele era ignorante, e isso por extensão implica que os outros não cristãos são ignorantes também, visto que ele era superior a maioria deles nas opiniões dos não cristãos, incluindo a interpretação não cristã (e, dessa forma, falsa) da Lei. Os não cristãos são pessoas ignorantes, e ainda são culpados do pecado. Não devemos confundir ignorância com inocência.

Segundo, Paulo diz que agiu em incredulidade. Na Bíblia, incredulidade com muita frequência indica mais que uma mera falta de fé, mas uma hostilidade contra Deus e contra a verdade. Considere a incredulidade dos israelitas a quem Moisés tirou do Egito. Eles murmuraram contra Deus e se irritaram com Moisés em muitas ocasiões. E considere o próprio Paulo. Ele não era passivo em sua discordância com a fé cristã, mas abrigava um ódio profundo contra Cristo e aqueles que o seguiam, e isso se transformou em blasfêmia e violência. Não devemos confundir incredulidade com um ceticismo saudável contra afirmações improváveis. Incredulidade é uma hostilidade irracional e burra contra a verdade. É uma negação da realidade. Os não cristãos vivem de ilusões, e não têm senso do que é verdadeiro e real.

O não cristão nunca é inteligente e nunca é inocente. E é contra esse pano de fundo que podemos apreciar a graça de Deus ainda mais. Paulo vê a si mesmo como um exemplo modelo. Se Cristo pôde exercer paciência para com alguém como ele, o pior dos pecadores, e se Cristo pôde manifestar sua graça a alguém como ele, então Deus fez de uma vez por todas a declaração que outros poderiam também receber o perdão e a salvação através de Jesus Cristo. Ao salvar alguém como Paulo, e ao salvar alguém como você, Cristo revela a grandeza de sua misericórdia, e honra o Pai demonstrando esse aspecto de sua natureza.

O resumo de Paulo do que aconteceu a ele exibe dois ingredientes essenciais de um preciso entendimento e pregação do evangelho. Primeiro, a verdadeira extensão da depravação do homem deve ser reconhecida. A estupidez e hostilidade do não cristão não pode ser obscurecida ou posta de lado, quer em nosso entendimento com respeito ao nosso estado antes da conversão, ou em nossa percepção e pregação com respeito ao estado presente dos não cristãos. Se você não pensa que os não cristãos são estúpidos e hostis, como você era antes de se tornar um cristão, então você nega o evangelho. Você nem mesmo reconhece plenamente a necessidade que o pecador tem do evangelho. Segundo, a graça de Cristo é anunciada contra esse pano de fundo de extrema tolice e depravação do homem, e como resultado, sua glória é revelada e magnificada.

Paulo escreve que os falsos mestres promovem mitos e controvérsias, em vez de fazer a obra de Deus. O que, então, é a obra de Deus? É a pregação dessa mensagem sobre a misericórdia de Deus ao salvar pecadores. É declarar a pecaminosidade do homem e anunciar a graça de Deus que resgata-o da condenação. Esse é o uso apropriado da Escritura, e nossa tarefa é publicar essa mensagem a todas as nações.

8. O BOM COMBATE

Timóteo, meu filho, dou-lhe esta instrução, segundo as profecias já proferidas a seu respeito, para que, seguindo-as, você combata o bom combate, mantendo a fé e a boa consciência que alguns rejeitaram e, por isso, naufragaram na fé. Entre eles estão Himeneu e Alexandre, os quais entreguei a Satanás, para que aprendam a não blasfemar. (1 Timóteo 1.19-20)

Há um conflito espiritual que define e impregna cada área da vida humana. Esse conflito é entre Cristo e Satanás, bem e mal, verdade e engano, e por extensão desses, frequentemente entre cristãos e não cristãos. Não há opção de escolha e nenhuma posição neutra nesse conflito. Quer goste ou não, você faz parte dele. Há somente dois lados nesse conflito, e você permanece em um ou outro. Seu envolvimento nele provavelmente será mais evidente se você for um ministro do evangelho, de forma que sua responsabilidade em conexão a esse conflito será maior, mas ninguém está isento dele.

Você pode dizer: “Eu não quero ser contra nada nem ninguém. Estou do lado de Cristo e do evangelho”. Contudo, Cristo não é um nada ou uma ideia vazia. Ele é uma pessoa, e ele representa a racionalidade e a justiça. Uma pessoa pode ser odiada e combatida, e portanto, uma pessoa pode ter inimigos. E a racionalidade, verdade, sabedoria, e assim por diante, recebem oposição da irracionalidade, do engano e da tolice. Justiça não é o mesmo que impiedade, mas é oposta a ela.

Você pode desejar insistir que é apenas por Cristo, e que não é contra nada nem ninguém. Mas Cristo mesmo é contra todos aqueles que discordam dele, e todos aqueles que não creem nele nem o obedecem. E eles são contra Cristo também. Portanto, se você é por Cristo, você é contra o restante do mundo, e o restante do mundo é contra você. Jesus disse aos seus discípulos que o mundo odiaria eles porque o odiou primeiro. Os não cristãos se opõem e odeiam a Cristo, e assim, eles odeiam todos aqueles que o seguem, que concordam com ele, creem nele, e pregam sobre ele. O mundo odeia a Cristo, e se você é por Cristo, então o mundo odiará você, e lutará contra você. Em vez de evitar esse conflito, Deus quer que lutemos contra tudo que se opõem à sua autoridade e sua revelação.

Esse é um “bom” combate. Permanecemos do lado de Deus, daquilo que é santo, verdadeiro, racional e belo. O esforço vale à pena pois, de acordo com o próprio padrão de Deus, é digno lutar por essas coisas. Elas deveriam ser defendidas e promovidas sobre a terra. Esse é um uso legítimo de força espiritual porque Deus nos ordena a nos engajarmos na batalha como soldados de Jesus Cristo. É uma batalha jubilante, pois as recompensas são grandes e a vitória final está assegurada.

O combate é muito mais que uma briga. Paulo diz a Timóteo para “combater o bom combate”. As palavras usadas aqui poderiam ser traduzidas como “combater uma boa guerra” ou “travar uma boa campanha”. O apóstolo tinha em mente um conflito prolongado que requer estratégia e perseverança. A vitória pertence aos sábios e informados, aos que oram e meditam, aos corajosos e sacrificiais, e não àqueles que exibem apenas breves ataques de entusiasmo religioso.

Há dois aspectos em nosso combate. Há o combate para manter e promover uma forma pura e plena de Cristianismo no sentido objetivo e público. É um combate “pela fé” – isto é, a fé ou religião cristã. A ênfase cai sobre as doutrinas que definem nosso sistema de crença. Se você perde a doutrina, você perde a verdade, e perde seu contato com Deus e com Cristo. Dessa forma, se você perde a doutrina, perde tudo. Então, há o combate para persistir e crescer em nosso comprometimento à fé cristã no sentido pessoal e individual. Todo indivíduo deve entender a verdade objetiva das doutrinas cristãs, e então crer e seguir essas doutrinas. Alguns têm reprimido a voz da consciência para renunciar aquilo que reconhecem ser verdade, e dessa forma naufragam na fé que professam.

Esses dois aspectos do combate estão relacionados. Doutrinas objetivas podem afetar os desejos subjetivos de um indivíduo, e os desejos de um indivíduo podem determinar se ele deseja crer nas doutrinas corretas ou não. As doutrinas sadias honram a sabedoria, bondade e majestade de Deus. Elas tendem a ser simples e diretas, e instruem os homens na verdade e santidade. As falsas doutrinas, por outro lado, exaltam o homem – elas agradam seu orgulho e aprovam sua autonomia. Elas estimulam o pecado e a especulação, e tendem a tornar a religião em satisfação sem propiciação, e o entretenimento do eu em vez da adoração a Deus. Esse é o porquê Jesus disse que se alguém escolhe cumprir a vontade de Deus, ele perceberá se as doutrinas cristãs procedem de Deus ou não. Visto que um afeta o outro, qual vem primeiro – o conhecimento da verdade, ou o comprometimento à verdade? É a ação de Deus sobre a alma que vem primeiro, e então os dois fatores fortalecem um ao outro. Que Deus trabalhe em nossos corações por sua Palavra e Espírito, para que possamos desejar cumprir a verdade, e conhecer a verdade!

Quase toda doutrina e prática bíblica está sob ataque hoje, e os inimigos são frequentemente capazes de ganhar uma posição mesmo em nossas igrejas, pois os ministros e membros se comprometem com o mundo, e eles algumas vezes até mesmo introduzem ativamente erros nas congregações. Esse não é um tempo de evitar o conflito ou afastar-se da inconveniência do envolvimento pessoal. Cristo nos chama ao combate! Se você tem algum senso de lealdade ao Senhor, então você combaterá, e vencerá, caso se apegue firmemente à sã doutrina e uma consciência limpa.

9. AMPLIE A VISÃO

Antes de tudo, recomendo que se façam súplicas, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens; pelos reis e por todos os que exercem autoridade, para que tenhamos uma vida tranquila e pacífica, com toda a piedade e dignidade. (1 Timóteo 2.1-2)

A fé cristã é definida por algumas doutrinas bem rígidas. Ela faz afirmações com respeito a eventos históricos, princípios abstratos e questões divinas que são tão específicas e inflexíveis, que qualquer sistema que as altere ou relaxe não pode ainda alegar ser a mesma religião, e portanto não pode compartilhar de seu fundamento inexpugnável. Todavia, ela é tão adequada a todos os tipos de pessoas, fala tão apropriadamente às suas necessidades e preocupações, e é tão rica em sua sabedoria e autoridade ao ponto de ter uma repreensão para corrigir qualquer transgressão cometida por uma pessoa pertencente a qualquer grupo, que aqueles que falham em captar a natureza transcendente do evangelho algumas vezes caem no erro de pensar que a fé cristã pertence exclusivamente a elas, que é designada ao seu tipo de pessoa, e ao seu tipo somente.

O Senhor Jesus era um judeu em sua natureza humana, mas seu ministério e influência transcenderam isso, e ele circulou entre todos os tipos de pessoas. Seus discípulos incluíam governadores e plebeus, homens e mulheres, judeus e samaritanos, pescadores e coletores de impostos, intelectuais e prostitutas, ou aquelas que começaram como prostitutas. Ele era um homem assumindo uma personalidade onde quer que fosse. Ele nunca mudou seus princípios e práticas, e nunca comprometeu seus ensinamentos. Todavia, todos os tipos de pessoas foram engajados por ele de uma maneira pessoal e relevante. Ele recusou tornar-se todas as coisas para todos os homens, mas exigiu que todos os homens abandonassem todas as coisas para segui-lo. Ele era de fato exclusivo, insistindo que ele era o único caminho para Deus. Mas ele era inclusivo no sentido que todos os tipos de pessoas poderiam encontrar a Deus por meio dele.

A tentação que captura os ignorantes é que a fé cristã é tão adequada ao seu próprio grupo — visto que ela é adequada a todos os tipos de pessoas — que eles pensam que possuem um direito exclusivo ao evangelho, e que aqueles que não pertencem ao seu grupo deve ser excluídos, ou devem estar na segunda classe no reino de Deus, ou devem tornar-se como eles para que se tornem parte do povo escolhido. Sem dúvida, isso explica a mentalidade exclusivista de alguns gentios, e as facções contemporâneas de crentes.

Os judeus tinham uma mentalidade similar por uma razão diferente. Eles pensavam que a salvação pertencia exclusivamente a eles, pois Deus escolheu sua nação para plantar a semente do evangelho. Contudo, desde o início Deus pretendeu que eles

fossem o mero ponto de partida, de forma que a salvação se espalharia *a partir deles*, não que as pessoas deveriam vir *até eles* e se unir a eles, para então obter a salvação. O resultado foi que, não somente os judeus retinham a salvação do mundo, mas eles mesmos recusavam entrar, e falharam em obtê-la para si mesmos.

Os cristãos são enlaçados por uma exclusividade ilegítima quando limitam o evangelho somente àqueles aspectos de suas vidas que são mais relevantes para eles. Por exemplo, o sistema cristão é um tesouro fascinante de riquezas intelectuais. A exatidão e precisão de sua história, os detalhes de seus argumentos, o escopo e coerência de suas doutrinas — em resumo, a perfeição intelectual que ele evidencia desde todo ângulo de estudo concebível — faz dele uma fonte eterna de sabedoria que satisfaz a elite intelectual. Mas que erro trágico seria para o intelectual pensar que a fé cristã não tem nada para o inculto.

Da mesma forma, as boas novas de Jesus Cristo resgata o oprimido do desespero, e injeta esperança nos humilhados. Mas seria um engano eles pensar que Cristo salva somente aqueles oprimidos pelos homens. Há aqueles que têm um ressentimento tão grande pelos ricos e poderosos ao ponto de pensar que essas pessoas não merecem o evangelho, como se elas merecessem por serem vítimas. Vítimas frequentemente tomam uma mentalidade auto-justificadora, como se fossem justas porque são vítimas de opressão. Isso é um delírio completo. O evangelho de Cristo salva o oprimido, mas ele não é um evangelho somente da vítima.

Os judeus não tinham direito a reivindicá-lo para si mesmos, e pregar um Cristianismo “Messiânico”. Essa é uma tentativa desesperada de afirmar um lugar para a sua cultura, ou exercer algum controle sobre doutrina e prática. Mas a promessa da salvação foi apenas enunciada primeiramente através dele. Nunca pretendeu-se permanecer com eles. Nem foi negada aos judeus. E assim como nenhum americano deveria pensar que a fé cristã é uma religião judaica, nenhum asiático deveria pensar que ela é uma religião americana. Ela não pertence exclusivamente a nenhuma raça, sexo ou classe.

Paulo começa sua instrução para adoração pública expandindo nosso pensamento, ou nossa aplicação da fé cristã. As orações devem ser feitas “por todos os homens”, mesmo reis. Eles não estão além do poder de Deus e a promessa do evangelho. Os governantes frequentemente se colocam como obstáculos ao evangelho, e é fácil alguns crentes pensar que eles deveriam orar contra eles, e não por eles. Mas Paulo nos chama a ampliar a nossa visão e o nosso pensamento sobre o que Deus pode fazer com os nossos governantes e com todos os homens.

10. TRAQUILIDADE E PAZ

Antes de tudo, recomendo que se façam súplicas, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens; pelos reis e por todos os que exercem autoridade, para que tenhamos uma vida tranquila e pacífica, com toda a piedade e dignidade. (1 Timóteo 2.1-2)

A fé verdadeira é indestrutível. Ela é purificada, mas não consumida pelo fogo da perseguição. Tempos de dificuldade força-nos a repensar nossos motivos e prioridades, dedicar novamente nossas vidas ao Senhor Jesus, e dobrar nossos esforços a fim de viver para ele com coragem, santidade e compaixão. A complacência é destruída e gera-se a determinação de abandonar o conforto e a segurança pessoal em favor do evangelho, para que a fé de Jesus Cristo possa ser estabelecida no coração dos homens.

Os falsos convertidos não podem perseverar, pois carecem da verdadeira fé. Eles são expostos e abandonam o caminho. Isso alivia a igreja do peso dos não cristãos infiltrados mediante a limpeza dos hipócritas dentre os membros, e reduz conflitos internos bem como melhora seu exemplo diante do mundo. A Bíblia ensina que uma pequena impureza, uma área diminuta de problema, pode espalhar e infectar a congregação inteira. E Paulo cita o mandamento da Lei para expulsar uma pessoa perversa de dentro da comunidade. Quando a igreja fracassa em lidar firmemente com hereges e hipócritas, a dificuldade pode compelir o progresso.

Tanto bem espiritual tem sido produzido pelas dificuldades que, embora nossa carne se contraia, alguns de nós podem desejar que Deus reavive o seu povo mediante isso, até mesmo enviando perseguição extrema instigada por autoridades políticas. Aqueles de nós que não desejam isso podem ainda perguntar a si mesmos se é isso o que é necessário para a igreja despertar da sua concessão, impureza, inação, e sua falta evidente de comprometimento à fé que foi de uma vez por todas apresentada pelos profetas e apóstolos.

Mesmo assim, Paulo nos mostra que um clima pacífico é mais condutível à propagação da fé cristã, e que isso deveria ser pelo que os cristãos oram e desejam. A fé verdadeira permanece firme mesmo sob pressão, mas o conforto e a tranquilidade podem também testar o caráter de uma pessoa. A carne não sente nenhum perigo, mas o espírito irá então dormir? A Escritura nos adverte a permanecermos sempre alertas, para que a tentação não nos pegue desapercibidos. Dito isso, há vantagens óbvias na paz e na tranquilidade. Um ambiente estável permite que os cristãos estabeleçam igrejas e seminários, casem e criem filhos, e aspirem projetos a longo prazo que sirvam aos interesses do reino de Cristo. A liberdade para estudar, pregar e adorar é inestimável, e é o desejo de todos os que têm sede por uma comunhão mais profunda com Deus.

O governo pode tornar a vida mais fácil ou difícil para os cristãos, e somos frequentemente desapontados por ele. Suas políticas frequentemente restringem nossa liberdade de pregar e adorar, e suas leis frequentemente ficam aquém dos mandamentos morais de Deus. Mas Deus está no controle do governo. A Bíblia diz que ele dirige o coração de um rei como um rio. Ele controla até mesmo os pensamentos e decisões dos mais altos poderes humanos. E através do apóstolo ele nos instrui a orar por todos aqueles que estão em autoridade, para que possam conhecer e obedecer a Deus, ou se a

vontade de Deus para eles não for tão longe, que pelo menos adotem regulamentos que permitam a segurança e livre prática da religião cristã. Isso nos lembra de orar pelos governos em outras nações, para que não maltratem o seu povo, especialmente nossos irmãos e irmãs em Cristo.

11. O EVANGELHO PARA TODOS OS GRUPOS

Isso é bom e agradável perante Deus, nosso Salvador, que deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. (1 Timóteo 2.3-4)

Há uma forte ênfase no Novo Testamento que, num sentido específico, o evangelho é para “todos os homens” e que Deus deseja salvar “todos os homens”. É claro em que sentido isso é verdade. Contudo, essa ênfase tem sido com frequência distorcida, pois muitas pessoas são descuidadas e desonestas ao manusear a Escritura, de forma que falham em respeitar os contextos das passagens e considerar os motivos bíblicos que são relevantes para sua interpretação apropriada.

Para ilustrar, a Bíblia ensina que o braço de Deus não é curto. Seria ingênuo inferir a partir disso que Deus tem um braço físico, ou mesmo um corpo físico. Tal inferência não considera seriamente o texto da Escritura, mas sim desrespeita todo o testemunho da Escritura sobre a natureza de Deus, que ele é espírito, e que ele não tem forma e substância física. Quando o texto é lido em relação ao todo da Escritura, torna-se óbvio que a expressão é apenas uma metáfora para dizer que o poder de Deus é forte e sua influência extensa.

Estamos agora interessados em dois detalhes na declaração de Paulo. O primeiro é sua menção do desejo de Deus, e o segundo é o significado de “todos os homens”. Não podemos lidar com todos os detalhes nesta breve reflexão sobre o texto, mas podemos chegar a uma conclusão que seja clara o suficiente para nos capacitar captar sua lição principal.

A Bíblia ensina que Deus decreta tudo o que ele deseja, e realiza tudo o que decreta. Em outras palavras, se Deus deseja algo, isso certamente acontecerá. Ninguém pode resistir ao seu poder. Ninguém pode frustrar o seu plano. Portanto, se Deus deseja salvar “todos os homens” nesse sentido — isto é, no sentido que ele decretou — então “todos os homens” seriam salvos sem dúvida.

Outra interpretação possível para o desejo de Deus nesse versículo é que Paulo está se referindo ao mandamento moral de Deus. Um mandamento moral é somente uma definição de certo e errado, e de obrigação. Ele não especifica o que Deus decidiu que acontecerá ou o que ele fará que ocorra. Quando Paulo disse aos atenienses que Deus agora ordena que todos os homens de todos os lugares se arrependam, ele não quis dizer que Deus faz com que todos os homens de todos os lugares se arrependam, mas que Deus exige que todos os homens de todos os lugares se arrependam. Sem dúvida, o arrependimento tem sido uma exigência desde o princípio, mas até então Deus não tinha feito a exigência ser publicada a todos os homens de todos os lugares.

Então, há também dois significados possíveis para “todos os homens”. Paulo poderia estar se referindo a todos os indivíduos, ou cada pessoa individual em toda a História. Ou, ele poderia estar falando em harmonia com o restante da Bíblia e, dessa forma, referindo-se a todos os tipos de indivíduos, isto é, indivíduos de toda raça, gênero, classe e outras classificações. O que ele quer dizer aqui afeta também o possível significado para o desejo de Deus. Em particular, se Paulo está se referindo a todos os indivíduos, então, ele não pode estar se referindo ao decreto de Deus quando diz que Deus deseja salvar todos os homens. E isso porque o decreto de Deus é sempre eficaz. Se Deus decreta salvar todos os indivíduos, então todos os indivíduos serão salvos. Mas muitas passagens da Escritura nos informam que milhares de milhares de indivíduos não serão salvos; portanto, se Paulo está se referindo a todos os indivíduos, então ele não pode estar se referindo também ao decreto de Deus. Essa combinação é impossível.

Se Paulo está se referindo a todos os indivíduos, isso deve se referir ao mandamento moral de Deus. Isto é, se Paulo está se referindo a todos os indivíduos, então ele está estabelecendo o ponto que é mandamento de Deus que todos os indivíduos creiam no evangelho. Isso é verdade porque Deus de fato exige que toda pessoa creia no evangelho. Contudo, a combinação é improvável nesse versículo, pois essa não é a linguagem que Paulo usa. Ele não diz que Deus “deseja” que todos os homens *creiam*, mas que ele “deseja” que todos os homens *sejam salvos*. Se ele tivesse em mente uma obrigação moral, então a linguagem de fé e arrependimento seriam mais apropriadas, e essa é a linguagem que ele usou com os atenienses. Visto que é improvável que Paulo esteja se referindo ao mandamento moral de Deus, é improvável que ele esteja dizendo aqui que Deus agora exige que todos os tipos de pessoas sejam salvos.

A única combinação que se encaixa com o texto é que Paulo está se referindo ao decreto de Deus, não à exigência moral de Deus, e que ele está se referindo ao seu decreto sobre todos os tipos de pessoas, não todos os indivíduos. Em outras palavras, é o decreto de Deus que todos os tipos de pessoas serão salvos e chegarão ao conhecimento da verdade. Porque esse é o seu decreto, isso é o que acontecerá, e de fato isso é o que vem acontecendo desde o tempo dos apóstolos. Isso não apenas combina com a ênfase do restante do Novo Testamento, mas é também consistente com o contexto imediato. Quando Paulo diz que os crentes deveriam orar “por todos os homens”, ele quis dizer todos os tipos de pessoas, não somente os pobres e oprimidos, mas também “pelos reis e por todos os que exercem autoridade”. Então, uns poucos versículos mais tarde Paulo escreve que ele é um mestre aos gentios, o que é consistente com sua ênfase constante que a verdade não é ensinada somente aos judeus.

O Novo Testamento repetidamente se opõe às restrições que as pessoas colocam sobre o escopo da salvação, e compele-os a alargar o seu pensamento. As pessoas abrigam essas restrições em suas mentes por causa de preconceito, elitismo, tradição e assim por diante, mas elas não se aplicam a indivíduos como tais, mas a grupos inteiros

de pessoas definidos por raça, gênero, classe ou alguma outra coisa. Em outras palavras, quando a Bíblia ensina sobre a profundidade da misericórdia de Deus, ela não tem em mente um debate de “alguns indivíduos vs. todos os indivíduos”, mas um debate “alguns grupos vs. todos os grupos”.

De fato, quando diz respeito a indivíduos, a Bíblia insiste que Deus não deseja e não decretou salvar todos os indivíduos. Em Romanos 9, ela inclusive diz que Deus criou deliberadamente alguns indivíduos para a destruição, e decretou individualmente sua condenação. Assim, o contraste “alguns indivíduos vs. todos os indivíduos” não está em consideração em nossa passagem, e nunca está em vista quando ela diz que Deus quer que “todos” sejam salvos.

Muitas pessoas são alheias à forma como os escritores bíblicos pensam, e dessa forma impõe suas próprias categorias ao texto. O pensamento deles está sempre ocupado com a salvação de indivíduos, e eles assumem que quando a Bíblia diz “todos os homens”, isso quer dizer todos os indivíduos. Ao usar a Escritura para promover sua agenda privada, eles subvertem sua intenção e significado verdadeiro, roubando-a de sua força e sabedoria, e enquanto isso pensam estar prestando serviço a Deus ao promover a falsa doutrina que ele deseja salvar todos os indivíduos. Por outro lado, a preocupação real dos apóstolos era derrubar os preconceitos dos homens, e corrigir sua atitude sobre os tipos de pessoas que Deus decidiu salvar por seu Filho Jesus Cristo.

12. HÁ UM SÓ DEUS, A TRINDADE

Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, o qual se entregou a si mesmo como resgate por todos. (1 Timóteo 2.5-6)

A mensagem do Cristianismo é que há só um caminho para conhecer a Deus, obter a verdade, e entrar no céu, e esse é o nosso caminho, o caminho de Jesus Cristo. Todas as outras religiões e filosofias são falsas, e levam os homens ao engano e ao castigo eterno. Por causa disso, todas as pessoas podem ser divididas em cristãos e não cristãos, e todo pensamento pode ser dividido em visões cristãs e visões não cristãs. Embora haja variedades de não cristãos, eles são essencialmente os mesmos, tendo em comum seus princípios básicos de pensamento, sua injustiça e rebelião, seu pensamento irracional e tolo, e sua condenação final. Por outro lado, não existem características compartilhadas entre o que é um cristão e o que é não cristão. Essa é a distinção que verdadeiramente faz a diferença.

É frequentemente dito que as três principais religiões são o Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Isso poderia ser verdade sob uma definição tremendamente ampla de Deus, mas é enganosa em discussões e comparações religiosas sérias.

Os cristãos afirmam que há um só Deus, e ele é uma Trindade, e que não existe nenhum Deus que não seja uma Trindade. Uma consideração adequada de qualquer membro da Trindade deve incluir sua relação com os outros membros. Dessa forma, por exemplo, uma consideração adequada do segundo membro deve mencionar que ele é o Filho; contudo, isso necessariamente denota uma relação com o Pai. A importância desse ponto é que, embora afirmemos que cada membro da Trindade é plenamente Deus no sentido que cada um possui todos os atributos e poderes de Deus (cada um é todo poderoso, onisciente, etc.), a natureza trina de Deus é uma parte integral da definição de Deus, de forma que o Filho é Deus não somente por ser todo poderoso, onisciente, e assim por diante, mas também por ter um lugar na Trindade. Portanto, há somente um Deus no sentido que há somente uma Trindade.

Isso é certamente inaceitável para a falsa religião do Islamismo. Começando com sua ideia errônea de Deus, os muçulmanos não podem, ou pelo menos não deveriam, reconhecer que o Cristianismo é monoteísta no mesmo sentido ou num sentido similar o suficiente que permaneça significativo pensar que as duas religiões têm isso em comum.

Quanto ao Judaísmo, a Trindade é consistente com a revelação de Deus no Antigo Testamento. Deus se revelou como uma família ou comunidade desde o princípio, e à medida que a história da revelação progrediu, isso se tornou conhecido com termos crescentemente explícitos. Todavia, os judeus pensam que o conceito cristão de Deus é blasfemo. Por quê? Jesus disse que os judeus não acreditavam na Escritura. Eles nunca aceitaram o que Deus disse sobre si mesmo. Mesmo os cristãos hesitam dizer que os judeus afirmam alguma ideia diferente de Deus, mas a verdade está claramente registrada. Quando Deus se revelou a eles por meio de discurso inteligível sem forma corporal, eles fizeram um boi de ouro. E quando ele apareceu-lhes em forma humana para ensinar-lhes sobre si mesmo, eles o mataram.

Jesus disse que se eles tivessem crido no Antigo Testamento, então o teriam reconhecido e crido nele também. Nesse sentido, o Antigo Testamento sempre foi parte da Bíblia cristã, e sem anacronismo, aqueles que creram eram cristãos, quer judeus ou não. A religião dos judeus não era a religião do Antigo Testamento. Antes, usando o pano de fundo e história fornecido pelo AT, eles edificaram um sistema elaborado que consistia de suas próprias doutrinas e tradições com a intenção de subverter o Antigo Testamento. Jesus repreendeu-os explicitamente por causa disso. Dessa forma, não é ultrajante alegar que o conceito judeu de Deus não procede de fato do Antigo Testamento (embora o tenham utilizado), e que de Gênesis a Apocalipse, a Bíblia testifica somente do Deus Trino.

O Deus cristão é exclusivo da fé cristã. Nenhum não cristão compartilha o mesmo ou sequer similar conceito de Deus, e se uma pessoa o faz, ela já é um cristão.

13. UM SÓ MEDIADOR, JESUS CRISTO

Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, o qual se entregou a si mesmo como resgate por todos. (1 Timóteo 2.5-6)

A ideia cristã de Deus é tão diferente de todas as outras concepções de divindade que esse ponto sozinho distingue nossa fé de todos os sistemas de pensamento não cristãos, incluindo o Judaísmo e Islamismo. Somente diluindo severamente nossa ideia de Deus podemos dizer que afirmamos o monoteísmo com eles num sentido similar. Nós de fato afirmamos que há um Deus, como eles dizem fazer, mas Deus revelou que ele é uma Trindade, de forma que um Deus que não é a Trindade não é Deus de forma alguma. Dessa forma, os não cristãos não creem em Deus, mesmo quando dizem crer. Eles podem fazer os sons que afirmam tal crença, mas seus pensamentos não correspondem a nada na realidade. Não existe tal coisa como um Deus não Trino.

A doutrina cristã sobre Jesus Cristo nos divide adicionalmente de todos os não cristãos e nossa fé dos seus sistemas de pensamento. Afirmamos que ele é plenamente divino e plenamente humano, que ele é a encarnação de Deus o Filho, e esse Deus-homem é o único mediador entre a divindade e a humanidade. Se o conceito cristão de Deus somente já é suficiente para distinguir a religião cristã de todos os sistemas não cristãos, a doutrina de Cristo como único mediador mostra-se devastadora para todas as doutrinas e tradições que falsamente alegam o nome cristão, incluindo o Catolicismo, Mormonismo e outras seitas que tomam emprestado e distorcem a fé de Jesus Cristo.

Nenhuma doutrina pode ser verdadeira se ela persuade os homens a dependerem de alguém outro que não Jesus Cristo para pleno acesso a Deus. O Catolicismo, sem dúvida, é um dos mais óbvios transgressores. O ponto de Paulo é direto e inequívoco – há somente um Deus e nenhum outro, e há somente um mediador e nenhum outro. Introduzir outras personalidades como pontes necessárias entre Deus e os homens, e a heresia ainda mais absurda, entre Cristo *o Mediador* e os homens, é subverter esse modelo simples de acesso espiritual. Os santos e os anjos ficariam horrorizados pela reverência que tantos indivíduos desviados têm para com eles.

Existem manifestações menos óbvias dessa tendência de colocar uma cunha entre Deus e os homens. A humanidade é propensa à idolatria, e cristãos inferiores frequentemente rejeitam ídolos não cristãos apenas para substituí-los por ídolos cristãos. Dessa forma, eles se agrupam em facções e proclamam que seguirão este pregador ou aquele professor. E porque consideram seu ídolo superior ao restante, eles se consideram superiores por segui-lo. Mas Paulo refere-se a esse problema primitivo como uma demonstração de carnalidade. Assim, quando alguém me sugere que ele é superior porque segue esse e aquele teólogo, apologista ou pregador, eu sei que ele é carnal e inferior.

Então, eruditos frequentemente se fazem mediadores entre Deus e os homens, e novamente com o fenômeno ainda mais absurdo, em mediadores entre o Mediador e os homens. Eles fazem isso tornando suas disciplinas especializadas nos estudos bíblicos em vias de acesso necessárias para um entendimento correto da Escritura. Isso coloca pessoas ordinárias à sua misericórdia, de forma que uma Bíblia que foi traduzida para o idioma do público ainda permanece fechada e proibida. Vejo eruditos que

frequentemente exageram a importância de suas descobertas, e eles são estão entretidos com seus pontos limitados de interesse e pesquisa que suas conclusões com frequência já foram declaradas no texto da Escritura ou claramente refutadas pelo texto da Escritura. Seu efeito é destrutivo pois eles propagam a impressão que leitores ordinários não podem confiar no que a Bíblia diz em sentenças claras, como se algum problema no grego ou algum fato na história pudesse alterar completamente o significado do texto.

Os eruditos deveriam se perguntar: estão eles guiando homens a Cristo, ou se colocando entre Cristo e os homens ao fazer com que pareçam indispensáveis quando eles na verdade não são? A verdade é que grande parte da Bíblia é, e mesmo sem treinamento especializado, pode ser reconhecida como clara e simples, e tudo dela é lógico e sem sequer uma sugestão de paradoxo ou contradição. A habilidade mais importante na interpretação bíblica é a compreensão básica de leitura, não qualquer treinamento especializado. E parece que o último é de fato mais fácil de conseguir que o primeiro.

A doutrina que Cristo é o único mediador entre Deus e os homens carrega muitas outras implicações. Por essa razão, isso deve ser constantemente enfatizado, e devemos lutar para corrigir violações inconscientes dela em nossa teologia e prática. Por exemplo, pais que são crentes não deveriam assumir que sua fé tenha qualquer influência direta sobre a salvação dos seus filhos. Cristo é o único mediador. Um marido ou esposa não deveria assumir que ele ou ela é um crente simplesmente porque o cônjuge parece ser um. Tudo isso parece elementar, mas quantas pessoas sentem uma medida de segurança simplesmente porque estão relacionados de alguma forma com crentes devotos? Esse sentimento é uma promessa vazia. O que eu faço? Pela força que Deus me dá, eu me lanço aos pés de Cristo, envolvo meus braços ao redor dele, e recuso saltar. E tenho grande confiança diante de Deus porque tenho grande confiança que Cristo é justificado e aceito diante de Deus.

A tarefa do ministro, e de fato a tarefa de todo crente, é dizer aos pecadores que façam isso — isto é, lançar mão de Cristo, e se apegar a ele como sua própria vida e fôlego, para que possam ser salvos. A maior traição contra a graça divina e nosso santo chamado é reunir discípulos para nós mesmos. É verdade que podemos nos tornar mestres de outros, mas é para ensiná-los a confiar em Cristo, não em nós mesmos. Não podemos salvar as pessoas; não podemos dar-lhes o que precisam. Mas dizemos-lhes: “Vão até Cristo, e encontrarão salvação, poder, renovo e água viva para satisfazer vossa alma. Vão até ele agora com toda a sua mente e palavras. Somente ele pode salvar-vos da condenação, e conceder-lhes confiança diante do Santo Pai”.

14. O CONHECIMENTO DA VERDADE

Para isso fui designado pregador e apóstolo (Digo-lhes a verdade, não minto.), mestre da verdadeira fé aos gentios. (1 Timóteo 2.7)

O Cristianismo ensina que existe um único Deus e um único mediador entre Deus e os homens. Quando essas duas ideias são expandidas e suas implicações tornadas explícitas, vemos que elas resumem um sistema de pensamento que se define com doutrinas bem específicas que não podem ser confundidas ou reconciliadas com religiões e filosofias não cristãs. O Deus cristão, o único Deus, é definido como uma Trindade que por sua vez é definida como a união do Pai, Filho e Espírito Santo. O mediador, o único que pode trazer paz entre a divindade e a humanidade, é Jesus Cristo, que é uma encarnação de Deus o Filho. A forma como ele realizou a obra da reconciliação é também especificamente definida. Paulo escreve que Cristo se entregou como um resgate. Por sua morte, ele pagou a penalidade dos pecados daqueles que criam, de forma que possam obter perdão. E como Paulo adiciona em outro lugar, por sua ressurreição, ele também assegurou a justificação deles. Após isso, ele subiu à mão direita de Deus, e obteve para o seu povo todas as bênçãos espirituais.

Existe uma conexão necessária entre salvação e o conhecimento da verdade, e o reconhecimento da verdade. Alguns comentaristas afirmam que Paulo evita uma ênfase sobre o conhecimento e o intelecto para distinguir as doutrinas cristãs das heresias gnósticas. Mas se Paulo tinha ideias gnósticas ou não em mente, é óbvio que ele toma a estratégia oposta, no fato de sua ênfase sobre o conhecimento e intelecto ser dominante em todos os seus escritos, de forma que é apenas com o preconceito mais extremo que esses comentaristas podem afirmar sua interpretação. Paulo não somente usa a palavra “conhecimento” (em suas várias formas) continuamente com conotações positivas, e faz dele um fundamento para o ministério e viver cristão, mas ele até mesmo torna-o necessário para a salvação. O ponto é adicionalmente reforçado quando levamos em consideração que essa ênfase é frequentemente feita sem o uso da palavra “conhecimento”. Dentro de um espaço de apenas uns poucos versículos, Paulo caracteriza o Cristianismo como uma religião totalmente intelectual com o uso da palavra “conhecimento”, o uso da palavra “verdade”, em sua declaração precisa da doutrina cristã, e em sua autoidentificação como um arauto e mestre.

A diferença entre Cristianismo e Gnosticismo não é que o primeiro relega o intelectualismo a uma posição secundária, enquanto o último exalta o conhecimento. De fato, o Cristianismo enfatiza o intelecto muito mais que o Gnosticismo sequer poderia sonhar de fazê-lo. Antes, a diferença é que o conhecimento cristão é público, simples, sóbrio e racional. Ele está acessível a todos os tipos de pessoas. Não há chaves secretas e níveis, nem códigos secretos e mantras. Não há ideias especulativas e fantasias místicas, nem paradoxos lógicos.

Mas pelo menos para o propósito dessa discussão, o fato mais importante que distingue o Cristianismo, não somente do Gnosticismo, mas de todos os sistemas de crença não cristãos, é que a fé cristã é verdadeira. Paulo associa a salvação com o conhecimento e o reconhecimento da verdade. Aqui ele não se refere a um conhecimento de uma pessoa, mas a um conhecimento da verdade — isto é, de pensamentos e proposições. Sem dúvida, esses podem ser pensamentos e proposições sobre uma pessoa, mas a ênfase recai sobre a natureza intelectual desse conhecimento. É o intelecto que entende e reconhece a verdade. Então, o conteúdo dessa verdade é

definido como os ensinamentos cristãos sobre o único Deus, a Trindade, e o único mediador, Jesus Cristo.

A fé cristã entende a diferença entre verdade e fantasia. Ser um cristão é reconhecer que os ensinamentos da Bíblia são verdadeiros — que existe um Deus, a Trindade, e existe um mediador, Jesus Cristo, que esse mediador se entregou como um resgate por todos os tipos de homens, e se Deus em sua graça concede fé, então ele foi um resgate para *essa* pessoa particular que agora afirma a verdade.

Em adição a definir como devemos chegar a Cristo, o fato que é o Cristianismo que insiste sobre a distinção entre verdade e fantasia também dita como devemos confrontar o mundo com o evangelho. A verdade pertence à religião cristã, e o pensamento em termos de verdade versus fantasia é nossa forma de pensamento. Dessa forma, em vez de fugirmos da arena intelectual, devemos desafiar os não cristãos perguntando se *eles* conhecem a diferença entre verdade e fantasia. Embora estejamos sempre preparados para fornecer uma explicação da nossa fé, desafiamos os não cristãos a justificar suas crenças. Recusamos aceitar as suas crenças como o padrão pelo qual devemos ser julgados, e exigimos que eles justifiquem seus princípios e estilo de vida.

Porque o Cristianismo lida com a verdade, ele lida com o intelecto. E porque ele lida com o intelecto, os métodos de sua propagação também são intelectuais. Paulo declara a doutrina cristã — que há somente um Deus e um mediador, Jesus Cristo — e então chama a si mesmo de um arauto e mestre dessa doutrina. Isto é, ele usa a comunicação inteligente na forma de palavras faladas e escritas para disseminar essa doutrina. Essa deve ser uma consideração dominante em nossa filosofia de ministério ou pregação, visto que qualquer método que não se foque sobre uma comunicação verbal das doutrinas bíblicas falha em corresponder à natureza do evangelho e à fé cristã. Em seu pânico de fazer a mensagem relevante para a cultura, muitos pregadores tornam sua mensagem irrelevante para o Cristianismo. Seja lá o que estejam fazendo, eles não estão desempenhando o ministério cristão, e dessa tornam a si mesmos irrelevantes.

O problema real, e a razão real pela qual precisamos mudar, é que, em primeiro lugar, eles nunca pregavam o evangelho verdadeiro. Acomodar-se ao paladar pecaminoso do mundo, quer estejamos falando sobre o conteúdo da mensagem ou a forma como o conteúdo é apresentado, torna-os relevantes para os não cristãos, mas inúteis para Cristo. Sem dúvida os não cristãos considerariam uma mensagem antibíblica apresentada para eles de uma forma antibíblica como interessante e relevante, mas tal ministério não tem nada a ver com o evangelho.

Podemos fazer ajustes superficiais para remover obstáculos e empecilhos desnecessários, mas a mensagem e o método devem permanecer o mesmo. O evangelho é repulsivo para aqueles que Deus escolheu condenar, mas para aqueles a quem ele escolheu salvar, é precioso e glorioso, e o próprio poder e sabedoria de Deus. Aqueles que dirigem sua energia em busca da remoção do estigma do evangelho diante do mundo são homens equivocados e infiéis. Antes, devemos empreender cada esforço para aumentar a clareza e a força com a qual confrontamos o mundo com a vitória de Cristo e a salvação que ele traz àqueles que creem.

Ora, a Bíblia insiste que Jesus é o mediador não somente para um tipo de homem. Ele não morreu para pessoas de uma única raça, sexo, classe, mas por todos os tipos de pessoas. Dessa forma, devemos dizer a qualquer pessoa: “Sim, isso é para você também. Sim, você pode ter também. Se Deus for gracioso para contigo e fizer você crer em Cristo e colocar sua esperança nele somente, então você será salvo dessa

geração perversa e do fogo eterno.” Quando diz respeito à salvação, não há diferença entre judeu e gentio, macho e fêmea, rico e pobre, mas uma distinção é feita entre aqueles que têm fé em Deus e que são uma nova criatura em Jesus Cristo. Isso também significa que o evangelho é capaz de penetrar as barreiras dos homens. Judeus podem pregar o evangelho para os gentios com bom efeito, e os gentios podem pregar aos judeus. E o rico pode ministrar ao pobre, assim como o pobre pode dizer ao rico sobre os verdadeiros tesouros do céu. A necessidade primária do nosso tempo não é maior sensibilidade para as culturas ou melhores estratégias missionárias, mas uma forte confiança no evangelho, e crer que ele é verdadeiramente o poder de Deus para salvar.

15. LIDERANÇA MASCULINA NA IGREJA

A mulher deve aprender em silêncio, com toda a sujeição. Não permito que a mulher ensine, nem que tenha autoridade sobre o homem. Esteja, porém, em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, e depois Eva. E Adão não foi enganado, mas sim a mulher que, tendo sido enganada, tornou-se transgressora. Entretanto, a mulher será salva dando à luz filhos — se permanecerem na fé, no amor e na santidade, com bom senso. (1 Timóteo 2.11-15)

Vivemos num mundo de preconceito. Alguns pensam que os judeus são superiores aos não judeus, outros pensam que os homens são superiores às mulheres, e alguns pensam que os ricos são superiores aos pobres. O preconceito existe em toda direção, de forma que com grande amargura, alguns insistiriam que as mulheres são superiores aos homens, e outros alegariam que os pobres são superiores aos ricos, pelo menos em virtude. A solução do mundo para o preconceito é minimizar essas distinções; contudo, visto que essas distinções são inerentes ou permanentes, ou pelo menos difíceis de mudar, as distinções e o preconceito permanecem, e esses tipos diferentes de pessoas são deixadas sem qualquer princípio que as una.

A tentativa do mundo de minimizar as distinções geralmente sugere que todos os tipos de pessoas são boas. Isso é falso e tem resultado em fracasso. A abordagem da Bíblia é inteiramente diferente. Ela condena todos os tipos de pessoas como culpadas diante de Deus. Quer uma pessoa seja judeu ou não judeu, homem ou mulher, rico ou pobre, ele ou ela nasceu um pecador, um filho da ira. Não importa a qual grupo uma pessoa pertença, a Bíblia diz, “não há diferença”. Todos os homens e mulheres são desprezíveis. Mas então, ela declara Jesus Cristo como o verdadeiro princípio de unidade entre aqueles que olham para ele como Cabeça e Senhor. Nele, o judeu não é superior ao não judeu, porque nenhuma raça pode se comparar à raça da nova criação, a raça de Jesus Cristo. O homem não é superior à mulher, visto que por meio de Cristo somos todos membros de um corpo. O rico não é superior ao pobre, pois somos todos co-herdeiros das verdadeiras riquezas em Cristo Jesus.

Ao absorver as distinções humanas na verdadeira unidade por meio de Jesus Cristo, a única distinção que importa fica em primeiro plano, e essa é a distinção entre cristãos e não cristãos. A raça, sexo e classe de uma pessoa não faz nenhuma diferença quando diz respeito ao seu acesso a Deus por meio de Jesus Cristo. Mas se uma pessoa vem ou não por meio de Jesus Cristo faz a diferença decisiva, pois ele é o único caminho para Deus e para a salvação do pecado e do inferno. Dessa forma, desde o princípio, a Bíblia divide a humanidade em dois grupos principais.

Todavia, seria um engano pensar que a Escritura abole as distinções entre raça, sexo e classe. Onde relevante, ela repetidamente reforça algumas dessas distinções que Deus instituiu quer pela criação ou pela providência. Repetindo, a Bíblia não compartilha da abordagem do mundo ao promover a harmonia entre os homens. É adotando-se o pensamento do mundo na leitura de certas passagens bíblicas que alguns têm chegado ao ponto de se opor a vários ensinamentos proeminentes e explícitos da Escritura, como aqueles com respeito à liderança masculina no lar e na igreja.

A Bíblia de fato diz que não existe judeu e gentio, nem macho e fêmea, e assim por diante, em Cristo, mas o contexto sempre tem a ver com condenação e justificação da humanidade. Isto é, se macho ou fêmea, todos os humanos estão condenados em Adão. E quer macho ou fêmea, todos os que creem em Cristo são salvos por ele. As distinções humanas permanecem. Uma pessoa rica não perde todo o seu dinheiro simplesmente porque se torna um cristão. O dinheiro ainda lhe pertence, e ele ainda pode comprar coisas que o pobre não pode. Isso é estabelecido pela providência de Deus. Os dois estavam igualmente condenados sob Adão, e agora estão igualmente justificados, e têm acesso igual ao trono da graça. Todavia, a posição terrena deles não mudou. O mesmo se aplica à raça e sexo.

Quando diz respeito à ordem no lar, a Bíblia é clara que o homem é o cabeça da casa, e a esposa deve se submeter a ele em tudo como ao Senhor. Aqui Paulo está se referindo à ordem na casa de Deus, ou a igreja, e ele declara que os homens devem assumir a liderança, e as mulheres não devem usurpá-los. Isso poderia parecer machista de acordo com os padrões do mundo, e é patético ver como cristãos que aderem aos ensinamentos da Bíblia tentam, todavia, explicar como essa passagem não é machista. Por que devo me importar com os padrões do mundo? De acordo com os não cristãos — pelo menos alguns deles, visto que não há concordância entre eles — isso é de fato machista. E daí? Os padrões deles estão errados. A Bíblia diz que, por causa do seu intelecto deficiente, eles consideram o evangelho como loucura, mas nós compreendemos que ele é o poder e a sabedoria de Deus. Ao invés de convencê-los que a Bíblia não viola os padrões deles, os cristãos deveriam atacar esses padrões.

Não há nada na Escritura que proíba oportunidades de aprendizado às mulheres. Elas devem ter acesso igual aos ensinamentos bíblicos. Contudo, a Escritura de fato proíbe-as de assumir posições de autoridade na igreja. Isso não significa que suas oportunidades de ministério sejam muito limitadas, mas apenas que sua influência oficial é restringida, e que a obra ministerial que realizam deve ser feita sob a supervisão de liderança masculina. A esposa não pode ser a cabeça no lar sobre o marido, mas ela tem tremenda liberdade enquanto agir sob a autoridade do marido. Um princípio similar se aplica à casa de Deus.

Há uma mulher pregadora cujo ministério é internacionalmente reconhecido hoje. A organização e suas publicações estão todas sob sua autoridade. Seu marido é reduzido a um papel tão insignificante que passei anos sem sequer saber o seu nome, até que vi um pequeno anúncio na revista dela que mencionava algo sobre ele. Certa feita a ouvi falar sobre um texto bíblico que tratava da submissão feminina à liderança masculina. Ela não poderia negar as claras palavras da passagem, mas num momento ela urrou: “Eu me submeto ao meu marido!”. Após isso, a audiência estava muito assustada para discordar dela.

Uma mulher como essa é uma desgraça para Cristo, uma desonra para o seu marido, e ensina rebelião a mulheres crentes que invejam o que parece ser uma liberdade para servir a Cristo sem os impedimentos das restrições dos seus maridos. Por outro lado, alguém pode se perguntar como ela teve permissão de levar as coisas tão longe. É provável que seu marido tenha abandonado a liderança devido à personalidade mais forte dela. Embora isso poderia parecer como um ato de amor, é na verdade um ato de rebelião contra Deus, e contra a ordem que ele prescreveu para o lar e para a igreja. Tal arranjo permite que um homem tire covardemente o peso de si, mas essa é uma responsabilidade que Deus colocou sobre ele, e não sobre sua esposa. Como os líderes designados, espera-se que os homens reforcem as instruções de Deus. Dessa forma,

quando as mulheres subvertem a ordem correta, os homens também são culpados. A ira de Deus não estará longe do caos e do desastre que resultarão.

Se os homens fracassam em liderar, em supervisionar e dar direção, e as mulheres não podem subvertê-los, então uma grande frustração é inevitável. Não é suficiente que os homens se oponham à liderança feminina — isso em si mesmo não é liderança. Os homens devem assumir os papéis que Deus ordenou para eles, sem medo, vergonha ou apologia, e então fazer esforços organizados para mobilizar todos os membros do corpo de Cristo para realizar a obra que Deus prescreveu para eles, homens e mulheres.

16. BISPOS E DIÁCONOS

É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, moderado, sensato, respeitável, hospitaleiro e apto para ensinar... Os diáconos igualmente devem ser dignos, homens de palavra, não amigos de muito vinho nem de lucros desonestos. (1 Timóteo 3.2, 8)

Existem dois tipos de oficiais na igreja. Primeiro, há os presbíteros, também chamados de bispos. Eles são homens maduros e instruídos cuja tarefa principal é o ensino, mas que são também responsáveis pelas decisões administrativas mais importantes da comunidade. Em conexão com isso, eles têm autoridade para reforçar os mandamentos apostólicos com respeito à disciplina eclesiástica. Então, os diáconos são os assistentes dos presbíteros e servos da igreja. Eles devem lidar com questões práticas que de outra forma atrapalhariam os presbíteros em sua obra de oração e pregação, tais como distribuição de ajuda. Eles não têm autoridade sobre os presbíteros. A “junta diaconal” de hoje é antibíblica. Um modelo mais bíblico seria existir uma junta de presbíteros, e uma equipe de diáconos que executariam as decisões dessa junta.

Comentários estranhos são algumas vezes feitos com respeito a nossa passagem. De acordo com alguns pregadores e escritores, aqui é declarado que um oficial da igreja deve possuir um caráter digno, mas não é dito que ele deve afirmar a sã doutrina. Aqueles que exigem pureza doutrinária dos seus líderes são fariseus fanáticos e sem amor, que perderam a sintonia com Deus. Há grandes problemas com essa interpretação da passagem, com esse argumento a partir do silêncio, ou suposto silêncio, e com a conclusão extraída de tal interpretação.

Suponha que eu esteja envolvido numa disputa jurídica e gaste horas relatando isso a um amigo. Visto que o caso envolve disposições, comparecimentos ao tribunal, e muita papelada, estou correndo para encontrar um advogado que me represente. Num determinado momento meu amigo pergunta: “Que tipo de advogado você está procurando?”. Eu paro por um instante e respondo: “Estou procurando um advogado que seja honesto comigo, e que seja pontual, eficiente, educado e decente. Visto que não tenho familiaridade com a lei nesta área, ele deve também ser alguém com muita paciência.” Agora, imagine se o meu amigo responde: “Você não mencionou se ele deve conhecer a lei. Isso não é importante então?” Sem dúvida, um advogado deve conhecer a lei! A questão toda é sobre a lei! Eu disse que ele deve me representar nas disposições, no tribunal e no manuseio da papelada. O contexto inteiro sugere que estou procurando um especialista na lei; só que estou procurando um especialista na lei que possua outras qualidades que também são importantes pra mim. A reação do meu amigo indica que ele esqueceu todo o contexto da conversa, ou que ele é uma pessoa tremendamente estúpida, ou as duas coisas.

Da mesma forma, dizer que a lista de qualificações de Paulo para os presbíteros e diáconos não requer que eles sejam sãos na doutrina denuncia uma deficiência em simples compreensão de leitura, e uma completa negligência do contexto das Epístolas Pastorais. Nessas cartas encontramos uma ênfase constante sobre a doutrina que é repetida de várias formas e de vários ângulos. Há mandamentos apostólicos para pregar a palavra, manter e transmitir ensinamentos corretos, e para se opor às falsas doutrinas e falsos

mestres. Muitos desses são explícitos, algumas vezes diretamente aplicáveis aos ministros do evangelho, e frequentemente até mesmo a todos os crentes.

Dito isso, a lista de fato requer a sã doutrina em nossos presbíteros e diáconos. Paulo escreve que os bispos devem ser “aptos para ensinar”. Devemos pensar que ele quer dizer “aptos para ensinar falsas doutrinas”? E os diáconos “devem apegar-se às verdades profundas da fé” (NIV).¹ A tarefa principal dos diáconos é o serviço prático, e assim Paulo não enfatiza a capacidade de ensinar “as verdades profundas da fé”. Mas observe que eles ainda devem afirmá-las. Aqueles que alegam que a lista não requer a firmeza e precisão doutrinária são desqualificados por essa própria passagem, pelo menos de serem presbíteros. Dizer o que eles dizem sobre essa lista indica que eles não conhecem a tarefa primária do presbítero ou bispo, e carecem da capacidade de entender as declarações claras da Escritura.

Paulo nos lembra de um princípio essencial na ordem da igreja — Deus requer características específicas nos líderes do seu povo. Uma pessoa não está qualificada simplesmente porque está disposta ou disponível, ou mesmo desejosa da posição. Ela não está qualificada simplesmente porque possui algumas qualidades que o mundo considera desejáveis, mas que são irrelevantes para a liderança espiritual. Uma consideração sóbria do que Paulo diz nos leva à compreensão que muitos, se não a maioria, dos líderes da igreja hoje não estão qualificados para permanecer em suas posições.

A Bíblia requer que um ministro do evangelho seja correto em sua doutrina e caráter. Ele deve ser examinado nessas duas áreas. Contudo, se uma pessoa não é sã na doutrina, então nem precisamos considerar o seu caráter — ele não pode ser um presbítero ou diácono, pois pode não ser até mesmo um cristão. Possa Deus levantar muitos entre nós, e possa Deus mesmo se tornar o mestre deles, para que possam se tornar sadios na fé, tanto em sua doutrina como caráter, e conduzir a igreja do descrédito para a vitória gloriosa pela verdade e poder de Jesus Cristo.

¹ A NVI diz “devem apegar-se ao mistério da fé”. [N. do T.]

17. A COLUNA DA VERDADE

Escrevo-lhe estas coisas, embora espere ir vê-lo em breve; mas, se eu demorar, saiba como as pessoas devem comportar-se na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e fundamento da verdade. (1 Timóteo 3.14-15)

Paulo chama a igreja de “coluna e fundamento da verdade”. Isso nos diz, não o que a igreja *deve ser*, mas o que a igreja *é*. A importância dessa distinção se tornará mais clara depois, mas primeiro devemos considerar se as duas metáforas estão sujeitas a mau entendidos.

Alguns escritores preocupam-se que as metáforas “coluna” e “fundamento” podem dar às pessoas a impressão que a igreja é a própria fonte e base da verdade. Contudo, toda a Escritura testifica contra isso, e por isso eles estão interessados em expor o versículo de uma forma que evite a falsa interpretação.

Dessa forma é tido que a metáfora da “coluna” é feita no contexto da arquitetura antiga. Um templo pagão, por exemplo, pode incluir várias colunas de ornamento que servem não somente para sustentar a estrutura, mas para demonstrar a riqueza e glória associada com a divindade. Os escritores parecem mais preocupados com a metáfora do “fundamento”, e sugerem que uma tradução melhor seria “baluarte” ou “esteio”. Isto é, a igreja não é o próprio fundamento da verdade, mas apenas seu protetor.

O problema tem sido exagerado. Não somos católicos que tentam distorcer palavras e frases individuais da Escritura para justificar suas doutrinas inventadas por homens. Somos cristãos que respeitam o todo da Escritura, e leem palavras e frases individuais considerando o contexto de todo o santo livro. A Escritura é um produto da inspiração divina, de forma que palavras e frases individuais são de fato importantes, tanto que doutrinas inteiras podem depender delas; contudo, essas palavras e frases não permanecem sozinhas, e não mantêm seus significados no vácuo. E muito menos estão sujeitas a interpretações arbitrárias impostas sobre elas.

O mesmo apóstolo que escreve que a igreja é a coluna da verdade também prega que Deus “não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo” (Atos 17.25). Quão tolo deve ser então uma pessoa pensar que a metáfora aqui poderia ser distorcida para significar que a igreja é o suporte da verdade no sentido que a verdade iria se desintegrar se não fosse a igreja. Algumas pessoas falam como se a apostasia dos homens pudesse frustrar o plano de Deus. Não, ela não pode. Eu estou certamente preocupado com o estado da igreja e do clima espiritual do mundo, mas somente como uma questão de zelo, e não por medo e terror quanto ao resultado final. A verdade permanecerá quer a igreja permaneça ou não. E a igreja permanecerá quer pareça haver muitos crentes fiéis ou não, visto que Cristo disse que iria edificá-la, e que nem mesmo o inferno prevaleceria contra ela. A metáfora refere-se a uma função da igreja, e não ao seu poder inerente. Não há lugar para má interpretação.

Quanto à ideia de fundamento, a palavra não sugere algo como uma fonte ou originador. O fundamento de uma construção não é o designer, o construtor ou o criador

do edifício. É somente o local onde o edifício foi posto. Nem pode a metáfora sugerir que a igreja é o fundamento da verdade no sentido que o fundamento de um sistema intelectual consiste dos primeiros princípios a partir dos quais o restante do sistema é deduzido. Isso acontece porque a igreja em si não é nenhuma parte dos conteúdos de um sistema intelectual.

Se a metáfora fosse sugerir uma ideia como construtor ou criador, ou fonte, precisaríamos mais, quer do contexto imediato ou do pano de fundo da Escritura para forçar essa interpretação. Isso está algumas vezes presente quando a metáfora do “fundamento” é usada em outros lugares, mas o contexto e o pano de fundo impedem essa interpretação aqui. Paulo instrui os cristãos a se comportarem de uma maneira que sirva à verdade. Mas se a igreja produz a verdade, então o que a igreja produz é a verdade. Contudo, Paulo não define a verdade em termos da igreja, mas define a igreja em termos da verdade. A verdade foi revelada por Deus, e é fixa. Quer uma comunidade seja ou não a igreja depende de sua relação com a verdade.

Isso aborda uma das questões mais prementes que os cristãos devem considerar, e eles devem examinar suas comunidades à luz da resposta. O que a igreja deve ser? Há alguns que dizem: “O que é a verdade?” E sua resposta é: “Pergunte à igreja. A verdade é o que a igreja diz ser”. Essa não é a visão cristã. Antes, perguntamos: “O que é a igreja?”. E respondemos: “Deus nos revelou a verdade por meio da Escritura. A igreja é a comunidade que afirma essa verdade em comum, e que promove e protege essa verdade sobre Deus e Jesus Cristo”.

Segue-se que qualquer comunidade que falhe em afirmar, promover e proteger a verdade não é a igreja. Se ela cessa de suportar e demonstrar a verdade como uma coluna, e se não mantém reta e estável a verdade como um fundamento, então ela não é a igreja. A coluna e o fundamento da verdade não é o que a igreja deve ser, ou deve lutar para se tornar, mas sim o que a igreja é. Em outras palavras, se uma assembleia não é uma coluna e fundamento da verdade, ela não é uma igreja. Não importa o que faça – pode unir pessoas em amizades, pode se exceder em caridade, ou pode advogar a justiça social – ela não é uma comunidade cristã.

Considere dois exemplos. Há igrejas que se chamam assembleias cristãs, mas sua posição oficial nega a inerrância da Escritura, que a Bíblia é um produto da inspiração divina, de forma que é correta em cada detalhe e carrega autoridade absoluta. Essas congregações perderam todo o sentido de verdade. Não há nenhuma base para chamá-las de igrejas cristãs. Então, há algumas denominações que casam homossexuais, e ordenam formalmente alguns deles como pregadores. Essas organizações não funcionam como colunas da verdade, mas tentam redefinir a verdade afirmando algo contrário à verdade já revelada por Deus.

A Bíblia revela a verdade em proposições e doutrinas fixas, e define a igreja como aquela que funciona como sua coluna. Essas denominações revertem isso em seu pensamento e prática — sua suposição fixa é que eles são a igreja cristã, e a verdade é o que declaram ser, e que a verdade está sujeita à modificação à medida que as opiniões de homens mudam e se alteram. O pecado da homossexualidade é importante, e não podemos ignorar o fato que essas denominações o toleram. Mas a questão aqui é que sua política é somente um resultado de uma apostasia mais geral, um abandono anterior da fé, no fato deles já terem se afastado da verdade da revelação divina. E porque eles não são o promotor e protetor da verdade, mas antes tentam inventar suas próprias doutrinas de acordo com os sentimentos dos tempos, eles não são mais igrejas cristãs.

O que isso significa é que todos os cristãos deveriam denunciar essas denominações e congregações que adotam tal política, e eles deveriam ser considerados excomungados do reino de Cristo. Nenhum cristão deveria apoiar essas denominações e igrejas com parte de seu tempo, dinheiro ou boa vontade, e nenhum cristão deveria participar de suas reuniões como se estivessem frequentando cultos cristãos. Sem dúvida, podemos nos dirigir a esses grupos como assembleias não cristãs, chamando-os ao arrependimento e conversão por meio da fé em Jesus Cristo e o assentimento genuíno à verdade.

Eu endosso a ideia que deveríamos buscar a paz uns com os outros, e que nem toda divergência doutrinária deveria resultar num rompimento total. Contudo, existe uma tendência equivocada entre os cristãos de buscar a paz unindo-se ao redor de uma quantidade mínima de verdade. Mas desde quando a fé em Jesus Cristo é uma busca pelo mínimo? Antes, ela é uma proclamação de toda a revelação de Deus, a verdade inteira sobre Deus que ele revelou. Ela é uma busca pelo máximo, por um entendimento completo e por toda a plenitude de Deus.

Algumas vezes é sugerido que quando consideramos a legitimidade de uma igreja, deveríamos perguntar se ela transmite ou não pelo menos “o evangelho”, e mediante isso quer-se dizer o mínimo da verdade. Mesmo que o mínimo Cristianismo ainda seja Cristianismo, certamente não é bom Cristianismo, e é contrário ao espírito da fé apoiá-lo. Um cristão mínimo, se é que existe tal coisa, pode de fato ser um cristão, mas que ninguém o considere como um mestre! E uma igreja mínima, se é que existe tal coisa, pode de fato ser uma igreja, mas por que alguém deveria se unir a ela?

18. A DOCTRINA DE DEMÔNIOS

O Espírito diz claramente que nos últimos tempos alguns abandonarão a fé e seguirão espíritos enganadores e doutrinas de demônios. (1 Timóteo 4.1)

O Espírito Santo prediz apostasia. Muitos que alegam seguir a Jesus Cristo cessarão de se identificar com eles, ou mesmo que continuem a afirmar que são discípulos, mostrar-se-ão mentirosos. A Bíblia nos diz em outro lugar que se uma pessoa se afasta verdadeiramente do Cristianismo apostólico, então ela nunca foi um discípulo real em primeiro lugar. Isso porque, na verdadeira conversão, a natureza interior da pessoa é transformada de forma que ele naturalmente – isto é, como um efeito natural de sua nova natureza – crê e segue a Jesus Cristo com um coração sincero. Essa mudança de natureza é inteiramente um ato de Deus, que ele realiza na alma de alguém à parte do desejo ou decisão da pessoa, e que ele subsequentemente sustenta e faz crescer em força e santidade. A pessoa não convertida tem uma natureza má, e uma pessoa com uma natureza má não decidirá mudar sua natureza em uma boa, visto que não existe nenhum bem nele para fazer tal decisão. Existe uma auto-contradição na ideia que uma pessoa má pode decidir ser boa. E mesmo que estivesse disposto a fazer essa decisão, ele não tem nenhuma capacidade de transformar sua natureza de má para boa. A conversão é uma obra de Deus, e a obra de Deus permanece. Segue-se que as pessoas que se afastam do Senhor Jesus nunca foram seus seguidores verdadeiros. Elas nunca foram cristãs, e nunca foram salvas do pecado.

O foco aqui está na manifestação da apostasia, ou num sinal de que ela ocorreu. Apostasia é um afastamento da “fé”. Tanto o contexto como o termo sugerem que Paulo refere-se a uma repudição das doutrinas cristãs, e esse afastamento da verdade corresponde a ir em direção a “coisas ensinadas por demônios” (NIV). Estamos diante de duas ideias que tanto cristãos como não cristãos com frequência relutam em aceitar. Primeiro, a religião é doutrinária, e dessa forma intelectual. Segundo, a religião é espiritual, no fato de lidar com espíritos ou entidades espirituais.

A religião é doutrinária e intelectual, e a verdadeira religião é uma questão de afirmar com a mente uma série de ensinamentos revelados por inspiração divina. É comum objetar que as doutrinas de muitas pessoas são totalmente ortodoxas, mas seus estilos de vida competem com os dos demônios. Sem dúvida eles não podem ser cristãos. Certamente não podem. Mas a denúncia erra pois nem de longe as doutrinas de muitas pessoas são ortodoxas, e mesmo quando são ortodoxas, seu assentimento a essas doutrinas é com frequência hipócrita, ou somente uma questão de aparência. As doutrinas cristãs demandam comportamento santo, de forma que o verdadeiro assentimento a uma doutrina obriga o comportamento que a doutrina demanda, e o comportamento demandado é produzido desde que o poder para executá-lo esteja presente. Esse poder é fornecido por Deus mediante o Espírito Santo naqueles que creem verdadeiramente. Dessa forma, a religião é doutrinária, o que significa que ela é intelectual, e isso por sua vez significa que há um aspecto objetivo que pode ser examinado, definido e proclamado.

A religião é espiritual, e nesse contexto queremos dizer que ela tem a ver com espíritos, ou entidades espirituais. Paulo diz que “o Espírito”, ou o Espírito Santo de

Deus, prediz apostasia da fé em termos expressos. O Espírito Santo é uma pessoa inteligente que poderia falar aos homens em palavras. Paulo também refere-se às doutrinas de demônios. Os demônios são espíritos maus que seduzem as pessoas, de forma que se afastam da verdade e seguem falsas doutrinas. Se os cristãos são ávidos em afirmar que a verdade nos foi revelada pelo Espírito Santo, embora muitos deles minimizem sua obra contínua no mundo, eles todavia raramente associam a disseminação de falsas doutrinas com o propósito e ação dos demônios. Existe a alegação que os demônios estão restritos em suas atividades devido ao triunfo de Jesus Cristo, quem, como Paulo escreve aos Colossenses, “despo[jou] os poderes e as autoridades” (Cl 2.15). Contudo, isso já tinha ocorrido quando os apóstolos encontraram franca oposição demoníaca como registrado nos Atos dos Apóstolos, e aqui ele diz a Timóteo que os demônios ainda estão ensinando falsas doutrinas a pessoas. Que Cristo desarmou todos os poderes das trevas significa que o seu povo escolhido foi livre do engano e da escravidão espiritual, da forma como proclamamos a sua vitória. Não significa que todos os traços de sua existência desapareceram. De fato, a Bíblia nos diz que o diabo ainda age como um leão rugindo, e algumas pessoas estão escravizadas por ele para fazer a sua vontade. Um ministro que é alérgico à realidade presente dos demônios é como um exterminador de pragas nauseento. Os demônios não se aposentaram, mas talvez ele devesse.

Paulo lista duas coisas específicas que envolvem as doutrinas demoníacas: “Proíbem o casamento e o consumo de alimentos”. Como alguns escritores têm apontado, seria um anacronismo dizer que Paulo tinha o Gnosticismo em mente, o qual não chegou à maturidade até o segundo século. Contudo, é possível que ele esteja se referindo a algo semelhante, ou um precursor da heresia. Em todo caso, não é necessário averiguar o pano de fundo preciso, visto que a exposição de Paulo é suficiente para derivarmos a doutrina, mesmo sem o contexto histórico. Os falsos mestres ordenam que as pessoas se abstenham de certos alimentos, e o apóstolo ataca isso dizendo que “tudo o que Deus criou é bom” (1Tm 4.4), e é portanto apropriado para consumo se recebido com ação de graças.

Ora, sou francamente contra a noção insana que tudo o que Paulo afirma é uma reação a uma falsa doutrina, prática ou tendência contrária em ou em torno dos seus leitores. Quando Paulo insta que os seus leitores amem uns aos outros, isso não significa necessariamente que os crentes têm um problema especial com a discórdia ou o ódio. É apenas um ensino geral que pode ser afirmado em todos os momentos. Assim, simplesmente porque Paulo ataca as falsas doutrinas com o lembrete que tudo o que Deus criou é bom não significa necessariamente que essas falsas doutrinas ensinavam que Deus não criou tudo, ou que algumas das coisas que ele criou não eram boas, ou que o corpo ou matéria física é inerentemente mau. É possível que as falsas doutrinas ensinem isso, mas o texto não diz isso, nem é uma implicação necessária do texto. Todavia, essas falsas doutrinas parecem surgir da ideia que a abstinência de coisas como casamento e certos alimentos ou é necessário para salvação, ou pelo menos requerido para uma elevação da espiritualidade.

Poderia surpreender algumas pessoas que Paulo condene essas doutrinas com termos tão ásperos. Talvez eles suporiam que para uma doutrina ser chamada demoníaca, ela deve ser algo no nível de um chamado para assassinar os próprios pais para obter a vida eterna, ou queimar os filhos para obter o favor com Deus. Certamente, essas seriam doutrinas de demônios. Mas quando uma doutrina nos diz que há certa cerimônia ou alguma restrição que é alheia ao ensino apostólico, e que se for observada, nos aproximará de Deus, ou que se não for observada impedirá a nossa salvação, ela

está colocando diante de nós alguém ou alguma coisa que não Jesus Cristo para governar a nossa consciência, quando esse é o direito exclusivo do nosso Senhor. Somente Deus tem a autoridade para definir para nós o que é fundamentalmente correto ou errado.

Quando Satanás disse a Eva que, embora Deus tenha dito para não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, que ela deveria comer de qualquer forma, e que nenhum mal viria sobre ela como resultado, podemos chamar isso de uma doutrina demoníaca, visto que o próprio diabo estava falando com ela. Nessa ocasião, a doutrina persuadiu Eva a buscar liberdade contra uma restrição divina. Foi libertar sua consciência para agir contra um mandamento divino explícito. A rebelião generalizada contra proibições bíblicas explícitas, tanto na igreja como no mundo, testemunha a eficácia dessa doutrina demoníaca. Mas o diabo pode seduzir os sentimentos religiosos de pessoas não convertidas de outras formas. Se nossa suposição estiver correta, aqui a doutrina demoníaca sugere que a fé simples em Cristo e o grato desfrute da criação de Deus não é suficiente. Antes, para alcançar certas alturas espirituais, uma pessoa deve observar certas cerimônias, considerar certos dias como especiais e santos, ou recusar apetites corporais naturais. Então ele será salvo. Então ele se tornará um crente de elite. Isso é uma doutrina demoníaca. Embora pareça advogar disciplina e uma atitude religiosa, ela é na verdade um desafio radical à autoridade de Deus e um ataque sobre o ensino do evangelho de Jesus Cristo. As táticas diferem da tentação de Satanás contra Eva, mas sua essência e resultado são os mesmos.

As doutrinas de demônios permeiam algumas comunidades supostamente cristãs. Mesmo essa manifestação particular dela é difusa, isto é, doutrinas que subvertem a autoridade exclusiva do Senhor sobre a consciência, e as definições de certo e errado. Quando aparecem nas igrejas, essas doutrinas quase sempre afirmam a superioridade moral, e se apresentam como caminhos espiritualmente superiores para seguir a Deus. Para oferecer apenas um dos muitos exemplos possíveis, e um que esteja intimamente relacionado ao contexto da nossa passagem, há aqueles que advogam um vegetarianismo “cristão” sobre a base que isso é espiritual e moralmente superior. É impossível estabelecer isso sobre um fundamento bíblico.

A questão não é se a doutrina tem ou não qualquer mérito, mas sim quão fortemente os crentes estão prontos para condená-las. De acordo com o apóstolo, não devemos considerá-la como excesso de piedade ou mero fanatismo, mas devemos declará-la como uma doutrina demoníaca. Quando um escritor produz um livro que promove essa posição, deveríamos reconhecer que um demônio o inspirou a escrevê-lo, ou pelo menos admitir que a doutrina é de origem demoníaca, ao invés de atribuí-la unicamente aos erros humanos mundanos. Quantos ministros diriam isso? Paulo escreve: “Se você transmitir essas instruções aos irmãos, será um bom ministro de Cristo Jesus” (v. 6). Muitos cristãos fariam pouco ou nada para combater tal doutrina, ou para denunciá-la em termos duros, porque não são bons ministros. Se um cristão deseja abater uma ovelha, ou dez, faça-o com confiança. Se um cristão quer comer uma vaca e toda a família da vaca, faça-o com ação de graças. E se isso te ofende, o problema não está na doutrina ou em mim, mas em você. Para os impuros, todas as coisas são impuras, não porque as coisas que Deus criou sejam em si mesmas impuras, mas porque a pessoa é impura, e não possui liberdade em Jesus Cristo. Mas para a pessoa cujo coração foi limpo pela fé, eu digo: “Mate e coma!”.

19. CUSPIR EM CRISTO, A DESPEITO DOS GREGOS

Se você transmitir essas instruções aos irmãos, será um bom ministro de Cristo Jesus, nutrido com as verdades da fé e da boa doutrina que tem seguido. Rejeite, porém, as fábulas profanas e tolas, e exercite-se na piedade. O exercício físico é de pouco proveito; a piedade, porém, para tudo é proveitosa, porque tem promessa da vida presente e da futura. (1 Timóteo 4.6-8)

Há certos princípios fundamentais no sistema cristão sobre os quais toda a Escritura descansa. Existe um único Deus. Esse Deus é uma unidade de Pai, Filho e o Espírito Santo. O homem foi criado bom, à imagem de Deus, mas caiu do seu estado inicial por causa do pecado, que é uma transgressão da lei de Deus. Para redimir o seu povo, isto é, aqueles indivíduos que ele escolheu salvar de entre a humanidade pecaminosa, Deus o Filho tomou sobre si uma natureza humana, para que pudesse ser o único mediador entre Deus e os homens. Ele é o único caminho para Deus e a salvação. Aqueles que são salvos por ele não somente estão ligados a ele, mas são também libertos nele, de forma que nenhuma outra pessoa, nenhuma outra religião ou filosofia, e nenhum sistema de rituais e regulamentos inventado por homens pode exercer qualquer autoridade sobre suas almas. Ele é o verdadeiro pastor, e as ovelhas ouvem sua voz. Elas não seguirão a voz de outro, nem estão obrigadas a prestar qualquer atenção a ela.

Um bom ministro de Jesus Cristo lembrará continuamente as pessoas desses princípios fundamentais do evangelho e adverti-los-á contra as falsas doutrinas. Visto que as falsas doutrinas tendem a contradizer verdades básicas, a forma mais eficaz de proteger os crentes do engano é reforçar os temas proeminentes da fé cristã continuamente, em várias ocasiões e a partir de vários ângulos. Então, quando surge uma ameaça, os crentes ou a detectarão por conta própria, ou reconhecerão rapidamente o perigo quando um ministro fiel chamar a atenção para isso. As doutrinas de demônios que Paulo tinha em mente em sua carta inclui a proibição contra o casamento e a abstinência de certos alimentos, provavelmente sobre uma base religiosa. Mas isso é contra as próprias verdades básicas da criação de Deus, a bondade dessa criação, a suficiência de Cristo, e a dependência inteira do crente de Cristo para o seu perdão, justificação e livre acesso diante de Deus.

O ministro não tem nenhuma esperança de edificar crentes na fé e protegê-los de doutrinas sedutoras se ele mesmo tiver uma fraca compreensão do evangelho. Assim, ele deve ser uma pessoa que seja “treinada nas palavras da fé e na boa doutrina” (ESV). Então, Paulo diz a Timóteo: “Exercite-se na piedade”. Isso também sugere um estudo vigoroso e persistente da sã doutrina, visto que o apóstolo declara isso como um contraste contra os “mitos” e “fábulas”. Evite o absurdo. Busque a verdade. Esse é um princípio essencial para o ministro do evangelho. Essa é a forma como ele deve viver sua vida. É o seu moto.

Ao se referir à busca da piedade como treinamento, Paulo emprega a imagem de um atleta, e embora não esteja falando sobre treinamento físico, aplica o conceito ao treinamento espiritual. Comentaristas gostam de afirmar que o apóstolo não menospreza o exercício físico, mas apenas está afirmando a importância maior do exercício

espiritual. Isso parece ser a tática de ler no texto algo que eles gostariam que Paulo reconhecesse, em vez do que ele realmente diz. Sua declaração pode não menosprezar o treinamento físico em si, mas o treinamento físico não é mencionado por si só. Antes, é mencionado como um contraste contra o treinamento espiritual, de forma que o apóstolo de fato menospreza o treinamento físico, pelo menos em relação ao treinamento espiritual. Um copo de papel tem certo valor, mas uma mansão é de grande valor. Um copo de papel não possui valor zero, ou mesmo negativo, mas quando comparado a uma mansão, a declaração não elogia o copo de papel.

A Bíblia faz uma clara distinção, e frequentemente um claro contraste, entre o físico e o espiritual. Ela também martela sobre a ideia, novamente e novamente, que o espiritual é mais importante que o físico. Certamente, você pode realizar treinamento físico para a honra de Deus. A Bíblia ensina que o seu corpo é o templo do Espírito Santo, e segue-se que você deveria cuidar dele, de forma que possa servir a Deus com seu corpo e tornar a fé de Jesus Cristo respeitável. Isto é, você pode honrar a Deus com treinamento físico até que sua cara fique azul, mas Paulo ainda diz que o treinamento espiritual é mais valioso. Ele é diferente. É superior. Em forte contraste contra o mero treinamento físico, o treinamento espiritual para “tudo é proveitoso”.

Há alguns cristãos que desprezam essa distinção, esse contraste, e essa priorização entre o espiritual e o físico, porque consideram essa forma de pensamento como um produto do pensamento grego. Ora, eu não me importo com o que pensavam os gregos, ou o que as pessoas pensam que os gregos pensavam (visto que frequentemente elas deturpam os gregos) – grego ou não, a Bíblia diz o que diz aqui. Se você disser que os gregos concordam com isso, então bom para os gregos, e pior para você se discordar, mas isso não muda o que a Bíblia diz.

Os teólogos frequentemente falam sobre como a filosofia grega tem distorcido a teologia cristã. Contudo, eles se tornaram tão obcecados com isso que, desde há muito tempo, a suposição que a contaminação grega permeia o nosso pensamento se tornou uma força que molda o pensamento teológico de muitas pessoas. A suposição que a filosofia grega distorceu a teologia cristã — essa própria suposição, e a obsessão de identificar e corrigir essa distorção — tem por sua vez distorcido a teologia cristã. Em sua campanha de afastar qualquer coisa que percebem como grego, eles têm atropelado também ensinamentos bíblicos verdadeiros. Às vezes eles terminam ensinando o próprio oposto do que a Bíblia afirma. Eles têm em mente as coisas que pensam caracterizar a filosofia grega, e então simplesmente assumem que a Bíblia ensina o oposto, mesmo quando declarações explícitas da Bíblia afirmam o que eles pensam ser contaminação grega. Longe de ser bíblica, a teologia deles é um produto de filosofia anti-grega. Eles criaram sua própria tradição antibíblica, talvez uma que os capacite a soar um gongo justo enquanto convenientemente escuse-os de rejeitar claros ensinamentos bíblicos.

Por exemplo, há a suposição que a filosofia grega ensina que existe uma forte distinção entre a alma e o corpo, e que o corpo é inerentemente mau. E a partir da ideia que o corpo é mau, ou pelo menos insignificante, certos princípios são inferidos os quais não podem ser reconciliados com a visão bíblica. Em contraste, eles alegam, o pensamento hebraico mantém que a pessoa humana é uma unidade, e não deveria haver nenhuma distinção rígida entre a alma e o corpo. Um teólogo zombou do pensamento supostamente grego chamando-o de teoria do “fantasma numa máquina”. Mas então ele mesmo levantou a pergunta de como alguém pode permanecer uma pessoa humana após a morte. Ele disse: “Isso é um mistério”.

Essa resposta patética, sem dúvida, pode ser usada para defender qualquer visão, seja qual for. Ela lida com todos os argumentos não respondendo o desafio, mas jogando todo o debate num buraco negro. Mas isso não é um mistério — ele estava simplesmente errado. A Bíblia diz que uma pessoa humana consiste de alma e corpo, e o elemento definidor é a alma. Jesus disse aos seus discípulos para não temer os homens, que poderiam matar apenas o corpo, mas para temer a Deus, que poderia atormentar tanto o corpo como a alma. Ele disse que o que entra num corpo por meio da boca percorre todo o corpo e sai como lixo. Assim, nenhum alimento é inerentemente impuro. Mas o que sai de uma pessoa, de seu coração ou alma, é aquilo que o torna impuro, pois daí pode vir assassinato, adultério, idolatria e assim por diante. Paulo escreve que, para o cristão, embora o corpo se deteriore, o homem interior é renovado todos os dias. Tanto Paulo como Pedro observam que as mulheres não deveriam se tornar belas adornando o corpo, mas adornando a alma — isto é, por um espírito manso e quieto, que admitidamente exhibe suas qualidades por meio das boas obras. Pedro refere-se ao seu corpo como uma tenda ou casa que em breve ele deixaria para trás. Isso pode não ser o mesmo que “fantasma numa máquina”, mas talvez não possamos esperar algo mais próximo numa linguagem do primeiro século. E aqui Paulo diz que o físico é distinto do espiritual, e que o espiritual é mais valioso.

Teólogos da tradição Reformada, como aquele já mencionado, frequentemente se orgulham de trazer um corretivo para as distorções gregas na teologia cristã, mas eles infligem um dano bem maior por sua insistência em ensinar o oposto do que pensam constituir o pensamento grego. Ao descartar como mistério algo que não pode ser reconciliado com a Escritura, esse teólogo estava disposto a sacrificar a clareza e a certeza da revelação cristã para proteger seu preconceito e tradição. Isso não é melhor que a contaminação grega. (Eu diria que a rejeição da atemporalidade divina como uma influência grega é em si um resultado, não de exegese bíblica competente ou pensamento teológico sadio, mas de uma reação anti-grega que tem resultado numa negação da doutrina bíblica. A contaminação não é o pensamento grego, mas o pensamento anti-grego, ambos dos quais não tem nada a ver com o que a Bíblia diz).

Apenas uns poucos versículos antes, Paulo escreve: “Pois tudo o que Deus criou é bom, e nada deve ser rejeitado”. Esse é supostamente um dos versículos bíblicos que refutam a distinção “sagrado vs. secular”. E a partir dessa rejeição da distinção, uma série de outras ideias têm sido articulada — incluindo a justificação para o capitalismo, democracia, esportes, filmes e quase qualquer outra coisa na qual alguém deseja se engajar supostamente “para a glória de Deus” no processo de cumprir o mandato cultural. Essa linha de pensamento é comum na teologia Reformada, e é apresentada como um corretivo contra muito abuso na doutrina e prática, incluindo como os crentes consideram suas ocupações e atividades diárias. Embora seja de fato um corretivo em alguns casos, ela tem também criado vários problemas e aplicações estranhas. Aqui não argumentarei se a doutrina bíblica deveria ou não ser expressa como uma negação da distinção “sagrado vs. secular”, visto que isso envolve uma nuvem de confusão que não pode ser resolvida aqui. Mas quer a doutrina como declarada aqui seja sã ou não, consideremos algumas das inferências que têm sido extraídas dessa ideia.

A doutrina é comumente associada com o sacerdócio de todos os crentes, uma doutrina que eu afirmo e recomendo com entusiasmo. Mas nem todas as aplicações são legítimas. Um estudioso escreve: “Visto que todos os crentes são sacerdotes, isso significa que todos os trabalhos são santos”. Isso é falso e perigoso. Se todos os trabalhos são santos, então seria santo os crentes serem prostitutas, assassinos e traficantes de drogas. Se é dito que os crentes verdadeiros jamais participariam dessas

ocupações, então a doutrina não existe mais, mas tornou-se: “Visto que todos os crentes são sacerdotes, então isso significa que eles não aceitarão ocupações profanas”. Isso destrói a alegação inicial que procede do sacerdócio de todos os crentes. Ela é uma falsa inferência a partir da doutrina.

Uma alegação mais leve, também comum, é que devido ao sacerdócio de todos os crentes, podemos honrar a Deus em qualquer situação na qual nos encontremos, e nenhuma ocupação é mais santa ou honrosa que outra. Até mesmo a pregação não é superior a outras ocupações. A pregação não é mais importante que, digamos, a contabilidade ou a construção. Contudo, os mesmos teólogos insistiriam que quer uma pessoa faça contabilidade ou construção é uma questão indiferente, ou pelo menos de preferência individual, mas em outro contexto também insistiria que todos os crentes devem pregar o evangelho, e que a pregação não é uma questão indiferente ou de preferência. Você pode ou não fazer contabilidade, mas deve pregar o evangelho. Mas se a contabilidade é tão santa, tão importante, tão honrosa a Deus quanto a pregação, então por que não fazer simplesmente mais contabilidade? Se a resposta é que a Escritura ordena a pregação e não a contabilidade, então essa não é uma admissão que a Escritura faz uma distinção entre as duas? Quer chamemos a distinção de “sagrado vs. secular” é um aspecto do debate, mas que existe uma distinção enorme não está sujeito a discórdia, a menos que alguém queira denunciar sua fidelidade à tradição humana e não à revelação divina. Ora, há centenas de milhares de outros exemplos. Se isso não destrói a teoria daqueles que se opõem à distinção “sagrado vs. secular”, pelo menos parece destruir quase todas as suas aplicações da teoria. Parece que mesmo que a Escritura endosse uma doutrina semelhante ao que afirmam, eles têm exagerado sua aplicação.

Sua forma de pensamento tem produzido muita distorção da Escritura, e tem infligido muito dano à doutrina e prática cristã. Por exemplo, Paulo escreve aos Colossenses: “Portanto, já que vocês ressuscitaram com Cristo, procurem as coisas que são do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus. Mantenham o pensamento nas coisas do alto, e não nas coisas terrenas” (Cl 3.1, 2). Isso é inaceitável para aqueles que pensam que tais distinções não deveriam ser feitas se toda a criação de Deus é boa, se todos os crentes são sacerdotes, e se tudo da vida deve ser considerado como “sagrado”. Assim, um escritor afirma que a distinção entre “coisas do alto” e “coisas terrenas” não é espacial, mas ética. Isso é o que ele diz para manter a tradição, mas a passagem não permite essa interpretação. Paulo define “do alto” como o lugar “onde Cristo está assentado à direita de Deus” – é uma referência espacial. Mesmo que alguém considere a mão “direita” como simbólica, a ascensão não é simbólica. Ao afirmar que a referência é meramente ética e não espacial, o escritor em efeito ataca uma doutrina central da fé cristã, isto é, a ascensão física do Senhor Jesus Cristo, e dessa forma comete blasfêmia por implicação. Aqui vemos quão perigosa é uma insistência teimosa sobre essa falsa doutrina, ou pelo menos quão perigosa pode ser uma aplicação falsa de uma doutrina verdadeira.

Paulo está na verdade dizendo que deveríamos nos focar nas coisas “do alto”. Tal como acontece com o versículo sobre treinamento físico, alguns poderiam dizer que ele todavia não menospreza as coisas terrenas. Mas o apóstolo desaponta-os, visto que ele adiciona “não nas coisas terrenas”. Ora, quer Paulo esteja fazendo ou não uma distinção “sagrado vs. secular” é algo que não importa discutir nesse lugar, mas ele está fazendo algum tipo de distinção, e uma que é inaceitável entre alguns círculos hoje. Eu insto que essas pessoas reconsiderem e restaurem esse ensino bíblico em sua teologia, estilo de vida e pregação.

20. O EXEMPLO DO MINISTRO

Ordene e ensine estas coisas. Ninguém o despreze pelo fato de você ser jovem, mas seja um exemplo para os fiéis na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza. Até a minha chegada, dedique-se à leitura pública da Escritura, à exortação e ao ensino. Não negligencie o dom que lhe foi dado por mensagem profética com imposição de mãos dos presbíteros.

Seja diligente nessas coisas; dedique-se inteiramente a elas, para que todos vejam o seu progresso. Atente bem para a sua própria vida e para a doutrina, perseverando nesses deveres, pois, agindo assim, você salvará tanto a si mesmo quanto aos que o ouvem. (1 Timóteo 4.11-16)

Um idoso recentemente se referiu a mim e à minha esposa como “crianças”. Ele não tinha a intenção de ser depreciativo ou condescendente, mas isso refletiu a forma como ele nos percebia devido à diferença de idade, assim como eu poderia chamar alguém muito mais jovem do que eu da mesma forma. Embora eu tenha ensinado pessoas com sua idade desde que tinha dezesseis anos, após tantos anos a diferença permanece grande o suficiente que alguém da sua idade ainda me considera uma criança. Timóteo não era uma criança ou adolescente. Ele poderia ser mais velho do que eu, mas ainda era considerado jovem no contexto de sua cultura e relação com algumas das pessoas em sua congregação, de forma que talvez eles achassem difícil receber diretrizes dele ou aceitar sua autoridade. Não podemos saber se Timóteo enfrentou de fato esse problema, mas o apóstolo considerou isso uma possibilidade.

Os comentários de Paulo são instrutivos, e sugerem aplicações que são úteis além do contexto imediato. Quando ele diz no começo que um líder da igreja não deveria ser um novo convertido, isso não tem relação necessária com a idade de uma pessoa. Um idoso pode ser um novo convertido, e é possível para uma pessoa relativamente jovem ser um crente maduro. Antes de outras considerações, embora legítimas ou necessárias, é a verdade que conta. Ele não diz a Timóteo para falar por meio de uma pessoa mais velha, ou por meio de alguém que a comunidade naturalmente admira devido à idade, educação, riqueza, ou coisas semelhantes, mas sim que ele “ordene e ensine estas coisas”. Quanto à resistência ou suspeita que poderia surgir por causa de sua juventude, isso não deve ser sobrepujado apenas por uma repreensão severa contra o preconceito, embora o líder de uma igreja certamente possa desafiar suposições culturais que atrapalhem o ministério. Antes, Paulo diz a Timóteo para provar a si mesmo dando um exemplo de conduta e devotando-se à doutrina.

A insistência da Bíblia que um ministro deve “ser um exemplo” não deveria ser reduzida a outro clichê. Isso não tem nada a ver com o *slogan* estúpido que “as ações falam mais alto que as palavras”. Se as ações falam mais alto que as palavras, então eu quero que a pessoa que crê nisso feche a sua boca e, sem palavras, diga-me isso por meio de suas ações. Se as ações falam mais alto que as palavras, então diga-me isso por ações, e não por palavras. Isso salva-o de ser um hipócrita, e também permite que eu o ignore em paz e sossego. Em todo caso, mesmo que ele fosse me dar um soco na cara, sem expressar uma palavra de explicação, eu não derivaria da sua ação a proposição que ações falam mais alto que palavras. Aqueles que são mais barulhentos sobre o barulho

das ações frequentemente não têm nenhuma ação notável para mostrar. Eles simplesmente assumem que isso é o que eles deveriam dizer. A popularidade desse *slogan*, na verdade, ilustra a necessidade da sã doutrina, visto que é devido ao pensamento descuidado que tal declaração antibíblica tem sido aceita como ensinamento cristão apropriado.

Ações e palavras são importantes, mas uma precisão maior é necessária para que possamos compreender como elas são importantes. Contrário ao *slogan*, as ações não falam de forma alguma da maneira que o fazem as palavras, de modo que as ações jamais podem falar “mais alto” que as palavras como se pudessem ser comparadas na mesma escala. É verdade que as ações podem “falar” num sentido puramente figurado, mas o falar não é de fato feito até que os pontos que as ações devem supostamente fazer sejam colocados em palavras. Todavia, essas declarações seriam interpretações das ações. Elas não são as ações em si, nem são declarações que necessariamente procedem das ações. Quer verdadeiras ou falsas, válidas ou inválidas, elas são interpretações verbais de coisas que em si mesmas não falam e não transmitem nenhuma informação.

Palavras verdadeiras são verdadeiras mesmo que as ações daquele que fala não correspondam a elas. Palavras verdadeiras impõem obrigações morais sobre os ouvintes para que assintam e obedeçam, mesmo que a pessoa que fala essas palavras seja um hipócrita. É comum os pregadores nos advertir que se não andarmos em amor ou viver uma vida santa, então “ninguém” acreditará em nosso evangelho, e alguns até mesmo dizem que ninguém deveria. Essa é a sabedoria do mundo, e a Bíblia é diretamente contra ele. Jesus disse aos seus discípulos que eles deveriam fazer o que os fariseus diziam quando falavam de acordo com Moisés, mas não deveriam seguir o exemplo deles, visto que eram hipócritas (Mateus 23.1-3). A verdade carrega em si o poder para obrigar o assentimento e a autoridade para impor obrigação. É pretencioso as pessoas suporem que esse poder e autoridade reside em sua conduta.

Ainda assim, nossas condutas são importantes, mas não são importantes para a comunicação de informação, e não são necessárias para persuasão. Antes, primeiro, é importante que nossa conduta seja consistente com a nossa doutrina porque essa é a nossa obrigação moral. O evangelho é verdadeiro quer nos conformemos a ele ou não, mas se somos discípulos verdadeiros de Jesus Cristo, então nos esforçaremos também para seguir os seus mandamentos e ensinamentos. Segundo, embora nossas ações não façam nada para transmitir a verdade, elas fornecem ilustrações para a verdade que transmitimos por nossas palavras, embora visto que ações não podem falar, essas ilustrações devam ser apontadas e explicadas por nossas palavras. Terceiro, quando nossa conduta é consistente com a nossa doutrina, isso serve como autenticação para a genuinidade da nossa fé e ministério. Não é necessário autenticar a fé de Jesus Cristo, que é verdadeira não importa o que façamos, mas isso serve para nos autenticar como seus discípulos.

Quarto, embora nossa conduta não tenha nenhuma relação necessária com a verdade da fé cristã, há muitas pessoas que fariam tal conexão em suas mentes, e assim, quando nossa conduta é consistente com a nossa doutrina, isso ajuda a convencer o irracional. Novamente, é um exagero grosseiro dizer que “ninguém” creria em nossa doutrina quando nossa conduta não corresponder a ela, visto que o Espírito de Deus não é impotente, e o evangelho – não nossa conduta santa – é o poder de Deus para a salvação. Pela graça de Deus trabalhando na mente dos seus escolhidos, nem todo o mundo é estúpido. Por que as inconsistências de cristãos me impediriam de crer no evangelho? A própria Bíblia ensina que os crentes não são perfeitos. Eu vi isso mesmo quando li a Bíblia quando era literalmente uma criança. Ela não é alguma verdade

complicada e oculta. E por que eu tropeçaria por causa de algum escândalo na igreja, ou porque algum ministro famoso cometeu fraude ou adultério? Isso é inteiramente consistente com o que a Bíblia prediz, de forma que não existe nada no que tropeçar. Por que eu duvidaria da fé cristã quando o que ela me diz que acontece, de fato acontece? Mas algumas pessoas são estúpidas, e é a nossa obrigação nos certificarmos de não permitir que as nossas ações tornem-se pedras tropeço para eles, por mais irracional que seja eles percebê-las como tal.

Enquanto isso, não devemos tolerar essa conexão ilegítima entre conduta e verdade. Se permitirmos que isso seja perpetuado, concedemos implicitamente permissão às pessoas para não crerem ou abandonar o evangelho sobre a base das nossas falhas. Em vez disso, devemos ecoar a política de Jesus, isto é, os hipócritas são condenáveis, mas a verdade é verdade mesmo quando procede de suas bocas, e a obrigação moral imposta pela verdade permanece em plena força. Em nossa pregação e ensino, devemos expor a falsa conexão. Enquanto Jesus Cristo não for um hipócrita, o evangelho é verdadeiro, e deve ser crido e obedecido. E se você tropeçar por causa do fracasso de outra pessoa, você não é apenas estúpido, mas permanece culpável por violar a verdade do evangelho.

Embora nossa conduta não diga nada sobre a verdade da nossa doutrina, ela diz algo sobre nós, e sobre nosso comprometimento com a doutrina que exposamos. E embora mesmo um hipócrita, se fala a verdade, deva ser ouvido, como um hipócrita ele não está qualificado para liderar a igreja. Paulo diz que se Timóteo parece ser jovem para algumas das pessoas, então ele deveria mostrar ser maduro, e capaz de conduzir o povo de Deus e dar-lhes direção com autoridade. Não existe nenhum problema com a ideia de um ministro jovem, mas quer jovem ou velho, uma pessoa que assume a posição deve mostrar que foi ensinada e transformada pelo Ancião de Dias.

Temos focado nossa atenção sobre a conduta, mas somente para corrigir um mal entendido comum sobre sua relação com a doutrina e o ministério. O apóstolo também instrui seu filho na fé para observar atentamente sua doutrina e desenvolver diligentemente seu dom para o ministério. Novamente, se há uma tendência em algumas pessoas de desprezar o ministro por causa de sua juventude, ele deve provar a si mesmo por sua maturidade em caráter, sua dedicação e competência no ministério da palavra, e seu progresso contínuo. A obra do Espírito num homem é o próprio testemunho de Deus que o ministro é legítimo, e essa obra de Deus é evidenciada por conduta, doutrina e capacidade espiritual.

Ele diz que o dom foi dado a ele por meio de uma mensagem profética quando alguns presbíteros impuseram suas mãos sobre ele. Muitos cristãos não mais permitem o profético, embora não tenham nenhuma garantia bíblica para isso. O medo do engano não deveria ser remediado negando-se as manifestações espirituais, mas testando todas as alegações de suas ocorrências. A Bíblia é suficiente para isso. Uma falta de ênfase sobre os dons espirituais, que é na verdade uma falta de dependência do Espírito de Deus, explica a falta de poder na maioria das igrejas e ministérios. A ordenação é um gesto vazio, uma formalidade que assinala o mero reconhecimento humano sem nenhum poder divino acompanhando-o. Uma total destruição de todas as tendências carismáticas eliminaria, sem dúvida, todas as falsas alegações de poder sobrenatural, mas não demonstra uma fidelidade à Escritura. Paulo nos ordena a desejar os dons espirituais, as manifestações poderosas e capacitações do Espírito de Deus. Hoje em dia muitos cristãos parecem pensar que é carnal desejar dons espirituais, como se a própria Bíblia ensinasse isso. Quão distante caímos! Eu desejo o poder espiritual, porque a Bíblia ordena isso, e porque reconheço que sou inteiramente inadequado em mim

mesmo. Eu preciso do poder do Espírito Santo, e quero que a fé das pessoas descansa no poder de Deus, e não nos meus talentos naturais.

Deus é misericordioso e generoso. Embora alguns de nós estejamos endurecidos pela tradição e incredulidade, ele ainda dá dons à sua igreja, se não por palavras proféticas ou imposição de mãos, então pela ação direta do Espírito, de forma que sua palavra possa ser disseminada e seu povo edificado. Se Deus quer fazer algo, e se quer fazer algo de certa forma, então todas as nossas tradições não podem deter isso. A igreja não pode deter. Os estudiosos não o podem. Os líderes denominacionais não podem deter isso. Credos, tradições e teologias falsas não podem. Ele ainda fará o que quer fazer. Todavia, as pessoas devem tomar cuidado para que não se achem lutando contra Deus por causa de suas tradições, e para esconder suas inseguranças, ciúmes e deficiências.

Existe uma aplicação mais ampla de tudo isso. Isto é, quando alguém despreza você por sua idade, raça, aparência, nível de educação formal, pano de fundo social ou econômico, ou alguma outra coisa que não deveria ter nenhuma relevância necessária para sua competência como um ministro do evangelho, a resposta bíblica é provar a si mesmo exibindo um caráter e conduta piedosos. Observe atentamente sua vida e doutrina. Lance-se inteiramente no aprimoramento dessas coisas, e na obra da pregação e ensino.

Você pode ser tentado a ameaçar as pessoas que lhe dão respeito superficial, mas se estiver satisfeito com isso, então você é de fato o perdedor espiritual e moral que eles pensam você ser, e isso simplesmente prova que o preconceito deles contra você é totalmente justificado. Talvez eles abriguem o preconceito por causa de pessoas como você. Você pode ameaçá-los e fazer com que silenciem, mas não pode fazer com que te apreciem e aceitem. Você não pode enganar todos eles. Eles saberão que você quer apenas silenciá-los sem admitir faltas e sem fazer melhorias, e desprezarão ainda mais em seus corações. É tempo de parar de se queixar e fazer escusas. Se o preconceito não tem fundamento, então admoeste-os, mas também contradiga-os exibindo excelência em sua conduta, atitude e doutrina.

21. CARIDADE INTELIGENTE, COMPAIXÃO COM PRINCÍPIOS

A viúva realmente necessitada e desamparada põe sua esperança em Deus e persiste dia e noite em oração e em súplica. Mas a que vive para os prazeres, ainda que esteja viva, está morta.

Nenhuma mulher deve ser inscrita na lista de viúvas, a não ser que tenha mais de sessenta anos de idade, tenha sido fiel a seu marido e seja bem conhecida por suas boas obras, tais como criar filhos, ser hospitaleira, lavar os pés dos santos, socorrer os atribulados e dedicar-se a todo tipo de boa obra.

Não inclua nessa lista as viúvas mais jovens, pois, quando os seus desejos sensuais superam a sua dedicação a Cristo, querem se casar. Assim elas trazem condenação sobre si, por haverem rompido seu primeiro compromisso. Além disso, aprendem a ficar ociosas, andando de casa em casa; e não se tornam apenas ociosas, mas também fofoqueiras e indiscretas, falando coisas que não devem. Portanto, aconselho que as viúvas mais jovens se casem, tenham filhos, administrem suas casas e não deem ao inimigo nenhum motivo para maledicência. Algumas, na verdade, já se desviaram, para seguir a Satanás.

Se alguma mulher crente tem viúvas em sua família, deve ajudá-las. Não seja a igreja sobrecarregada com elas, a fim de que as viúvas realmente necessitadas sejam auxiliadas. (1 Timóteo 5.5-6, 9-16)

A igreja primitiva era inteligente e tinha princípios na distribuição de ajuda. Talvez ela carecesse das burocracias do mundo moderno, mas chatice não deveria ser confundido com gestão desenvolvida. As instruções de Paulo com respeito às viúvas mostra que a igreja primitiva observava vários fatores essenciais na administração eficaz da caridade. Havia termos claros e precisos para definir indivíduos que estavam qualificados para receber ajuda. A necessidade apenas era insuficiente para constituir uma reivindicação legítima aos recursos da igreja — é significativo que o apóstolo tenha colocado tanta ênfase sobre se as pessoas cumpriam as suas responsabilidades estabelecidas pelos preceitos do evangelho.

O fato que havia uma lista de viúvas que estavam qualificadas a receber ajuda implica deliberação e organização. Eles tinham um sistema de doação que envolvia muito mais do que distribuir dinheiro e mantimentos a indivíduos anônimos aguardando numa fila em diversos horários. Além disso, os termos eram muito mais estritos que aqueles de qualquer igreja contemporânea que encontramos, pelo fato de exigir uma história estabelecida de conduta santa. Se a igreja fazia algumas exceções para casos muito especiais, certamente eram exceções que provavam a regra.

Aquelas que não se qualificavam para receber ajuda como viúvas poderiam obter alguma forma de assistência sobre outra base — talvez como indivíduos que precisavam

de ajudar para sobreviver. Contudo, mesmo se isso acontecesse, teria sido ocasional, espontâneo e temporário, bem como insuficiente para manter o sustento de uma pessoa. De outra forma, o sistema inteiro de caridade para com as viúvas teria sido sem sentido. Esse programa para sustentar as viúvas surgiu do desejo da igreja em exercer compaixão com inteligência e integridade. As restrições tinham o intuito de limitar o fardo da igreja, bem como impedir qualquer escândalo que trouxesse vergonha ao nome de Cristo. A verdadeira ética cristã sempre coloca a honra de Deus acima das próprias vidas de homens e mulheres que supostamente devemos ajudar. Esse é um princípio inflexível que deve governar todas as obras de caridade sem exceção ou hesitação.

Esta foi uma das principais razões para recusar auxílio a viúvas jovens licenciosas. Paulo não forneceu nenhum outro caminho para elas receberem sustento da igreja. Elas seriam forçadas a casar de novo e sossegar, ou morrer de fome. Diferente da igreja moderna, os crentes antigos recusavam patrocinar a vida pecaminosa em nome da compaixão. Isso é chocante para os sentimentos humanistas contemporâneos, seja dentro ou fora da igreja, mas não é uma inferência duvidosa a partir de uma passagem isolada. O apóstolo também nos ordena em outro lugar: “Se alguém não quiser trabalhar, também não coma” (2Ts 3.10). Ali ele não fornece nenhuma outra forma para um homem sobreviver. Se um homem pode trabalhar mas não o faz, a igreja não deve sustentá-lo com dinheiro e mantimentos. O homem então ou será forçado a trabalhar (se apropriado, a igreja pode até contratá-lo), em cujo caso não morrerá de fome, ou ele permanecerá ocioso e morrerá, em cujo caso seria um ato de suicídio.

A Escritura exige que toda pessoa assuma sua própria responsabilidade antes de poder receber ajuda da igreja. Um homem que pode trabalhar, deve trabalhar. O mesmo pensamento se aplica aqui, visto o apóstolo dizer: “Mas a que vive para os prazeres, ainda que esteja viva, está morta”. Podemos mantê-la viva com comida e abrigo, mas se ela chafurda no mundanismo, então ela já está “morta” num sentido profundo. Ela é um cadáver ambulante. Quando uma pessoa escolhe se matar, embora lentamente, podemos detê-la apenas por um tempo, mas eventualmente ela terá sucesso. A igreja não incorre em culpa em tais casos.

Os filhos devem sustentar os pais que estão em necessidade. Todavia, quando isso é necessário, pressupõe-se alguma falha nos pais. O motivo é que Paulo diz em outro lugar: “Além disso, os filhos não devem ajuntar riquezas para os pais, mas os pais para os filhos” (2Co 12.14). Isto é, os filhos não deveriam ter que salvar ou sustentar seus pais, mas os pais deveriam ser capazes de sustentar a si mesmos durante toda a sua vida e ainda ter uma herança para deixar aos seus filhos quando morrerem. Ao invés de passar dívidas e encargos de geração para geração, é melhor passar economia e posses. Esse é o ideal, mas nem sempre acontece. E quando os pais são incapazes de sustentarem a si mesmos, os filhos devem sustentá-los.

As instruções de Paulo impediria que muitas pessoas enganassem o sistema, ou explorassem a generosidade dos cristãos. Uma viúva poderia ter mentido sobre sua idade, mas seria mais difícil falsificar uma reputação estabelecida de fidelidade ao esposo e “todos os tipos de boas obras” (NIV). Repetindo, deve ser enfatizado que se viúvas que não estavam qualificadas eram todavia inclusas na lista, isso tornaria inútil as exigências do apóstolo. Visto que o respeito pela inspiração divina significa que não devemos ignorar suas instruções, então não devemos ignorar nem afrouxar essas exigências. Quando o mundo define compaixão tão diferentemente, e quando favorece a vida e conforto humano bem mais que a honra de Deus, é necessário coragem e obediência para implementar esse tipo de programa na igreja. A caridade humanista ajuda alguém apenas por ser um ser humano como nós, e não por causa do mandamento

de Deus. Se estamos agindo sobre a base do mandamento de Deus, então faremos o que ele de fato diz, e isso inclui excluir viúvas desqualificadas e deixar que homens ociosos morram de fome.

Às vezes as pessoas pensam que avançamos muito no pensamento e na inteligência, e também em nossos padrões éticos. Mas isso é baseado mais na arrogância e equívoco do que na verdade. Seria um engano supor que a igreja primitiva não era sofisticada, e que a igreja moderna possui princípios superiores para regulamentar a gestão da ajuda de caridade. Não, na medida em que seguiu a abordagem estabelecida pelo apóstolo, a igreja exerceu inteligência sem burocracias chatas, e administrou seus recursos de acordo com os princípios do evangelho, sempre com vista na honra do nome de Cristo em tudo o que fazia. A igreja moderna tem por vezes caído na armadilha humanista de cuidar mais de satisfazer as necessidades materiais das pessoas, e tem esquecido de reforçar os princípios de caráter e responsabilidade que emergem do evangelho de Jesus Cristo.

22. O MINISTÉRIO COMO OCUPAÇÃO

Os presbíteros que lideram bem a igreja são dignos de dupla honrab, especialmente aqueles cujo trabalho é a pregação e o ensino, pois a Escritura diz: “Não amordace o boi enquanto está debulhando o cereal”, e “o trabalhador merece o seu salário”. (1 Timóteo 5.17-18)

A Escritura define o ministério do evangelho como trabalho, e o pregador como um trabalhador. Referindo-se ao ministério dos seus discípulos, Jesus diz em Mateus 10, “o trabalhador é digno do seu sustento”, e em Lucas 10, “o trabalhador merece o seu salário”. Paulo ecoa essa forma de pensamento em nossa passagem. E quando ele escreve sobre esse assunto numa carta aos coríntios, ele ilustra esse ponto comparando o ministro com alguém que “serve como um soldado”, ou que “planta uma vinha”, ou que “cuisa de um rebanho”, ou que “ara” ou “trilha”. Ele até usa a imagem de um sacerdote que recebe alimento do altar (1 Coríntios 9). Em outras palavras, o ministério é uma ocupação em seu próprio direito, e deve ser considerado como tal em qualquer discussão sobre ministério e salário. Alguém que trabalha no ministério, a despeito de como ele é visto pelo Estado ou pela igreja, é uma pessoa empregada.

Visto que o ministro é uma ocupação, o ministério deve ser pago pelo seu trabalho. As mesmas passagens que definem o ministério como trabalho, como uma ocupação, também associam inseparavelmente esse fato com o direito do ministério receber hospitalidade, abrigo e salário. Paulo é explícito sobre isso: “Da mesma forma, o Senhor ordenou àqueles que pregam o evangelho, que vivam do evangelho” (1 Coríntios 9.14). Assim como um contador ganha a sua vida fazendo contabilidade, ou um cozinheiro preparando alimentos, um ministério ganha igualmente a sua vida realizar o trabalho do ministério, especialmente a pregação. Visto que o ministério é uma ocupação, o dinheiro pago ao ministro deve ser considerado um salário.

Por definição, um salário é algo devido, e não voluntariamente doado. Não é caridade. Visto que o dinheiro pago ao ministro é um salário, isso significa que é algo *devido* àquele que trabalha por aqueles que recebem o benefício do trabalho. Em sua carta aos coríntios, Paulo refere-se ao *direito* do pregador receber compensação material por seu trabalho. A partir da perspectiva do ministro, isso é um direito. A partir da perspectiva daqueles que se beneficiam de seu ministério, isso é uma dívida.

Embora o princípio bíblico que um trabalhador merece seu salário se aplique a todas as ocupações legítimas, há uma diferença quando diz respeito ao ministério. Fora do ministério, esse princípio é implementado por acordo humano. Se alguém que recebe o benefício do trabalho nunca concordou em assalariar um trabalhador ou pagá-lo, então o trabalhador não pode gerar tal dívida realizando o trabalho. Em contraste, a dívida devida a um ministro não surge por acordo humano, mas por um mandamento divino que o transcende. Quando Jesus envia seus discípulos para pregar, e quando Paulo pregou o evangelho às pessoas, aqueles que receberam o benefício do seu ministério nunca entraram em acordo de antemão para pagá-los por seu trabalho. De fato, seria impossível assegurar um acordo humano para salário daqueles a quem eles planejavam

evangelizar antes de evangelizá-los. A dívida era gerada unicamente por causa da obra feita em benefício deles. Portanto, o ministro não tem apenas uma reivindicação à salário igual a de trabalhadores em outras ocupações, mas uma reivindicação superior.

Visto que um salário é devido ao pastor, aqueles que falham ou recusam em pagá-lo são ladrões e assaltantes, defraudadores, opressores e pecadores. A maldição de Deus está sobre eles. Como Tiago escreve: “Vejam, o salário dos trabalhadores que ceifaram os seus campos, e que vocês retiveram com fraude, está clamando contra vocês” (Tg 5.4). O dinheiro que você economiza negligenciado pagar o pregador testifica contra você, e clama seu pecado ao Senhor dia e noite. O ministro pode ter que arrumar outro emprego fora do ministério por causa de sua avareza e opressão – cada plegada do esforço dele, cada gota de suor, cada suspiro é um testemunho da sua culpa. O Senhor conta contra você cada lágrima que a esposa dele verte. Ele te amaldiçoa por cada pontada de fome que os filhos dele sente. É uma coisa ímpia que você faz, e o Senhor promete puni-lo por causa de sua crueldade e dureza de coração. Ainda maior é a sua condenação se você advoga a doutrina que um pregador deveria sempre trabalhar sem remuneração.

Algumas vezes membros de igreja cobiçosos e líderes hipócritas apoderam-se do exemplo de Paulo, pelo fato dele ministrar sem remuneração. Contudo, qualquer leitor com uma competência mínima deveria perceber que essa é uma exceção evidente que prova a regra. Primeiro, ele explicou aos coríntios que sua política de pregação sem remuneração era a renúncia de um direito. Isto é, ele tinha o direito de receber pagamento, mas não exerceu esse direito. Se era um direito que ele não exerceu, então era um direito que ele poderia ter exercido. Dessa forma, os coríntios de fato deviam a ele, mas ele perdoou a dívida. Segundo, se era seu direito receber o pagamento, então ele era o único que poderia recusar o pagamento. Os coríntios não tinham o direito privá-lo do pagamento. Terceiro, ele disse que “os irmãos do Senhor e Pedro” (1Co 9.6) exerciam esse direito. A exceção não foi universalmente praticada nem mesmo entre os apóstolos. Quarto, essa política de recusar pagamento estava em vigor só com respeito a certas congregações. Por exemplo, ele aceitou dinheiro dos filipenses, e a linguagem em sua carta para eles indica que ele fez isso pelo menos duas vezes, visto que ali diz que eles enviaram-lhe ajuda “não apenas uma vez, mas duas”.

Quinto, ele deixou claro as suas razões para declinar o pagamento dos coríntios e de certas outras congregações. Quando as razões não se aplicavam, então as exceções não se aplicavam. Ele disse que não exercia seus direitos quando exercitá-los impedisse o evangelho. E as razões que poderiam ter impedir o evangelho seriam imaturidade, má atitude ou falta de discernimento deles. Talvez havia alguns que tinham suspeitas de seus motivos. Isso teria distraído-os de ouvir a mensagem do evangelho. Ou, talvez alguns teriam tentado colocar Paulo sob seu controle se ele tivesse aceitado pagamento deles. Em contraste, os filipenses se consideravam cooperadores com Paulo na disseminação do evangelho, enviando repetidamente dinheiro e suprimentos para ele. Eles tinham um entendimento correto da natureza do trabalho e da relação deles com o pregador. Ao que tudo indica, Paulo não aceitou pagamento de algumas pessoas porque ele as considerava incrédulas ou crentes que sofriam de desenvolvimento retardado. De fato, o ministério de Paulo a eles era um caso de caridade. Você não pede que pessoas retardadas lhe pagem — se possível, você ajudá-las-a sem remuneração.

É verdade que Jesus disse aos discípulos: “Vocês receberam de graça; deem também de graça” (Lucas 10.8). Contudo, imediatamente após isso, ele lhes diz para não trazer nenhum dinheiro ou suprimento extra, pois “o trabalhador é digno do seu sustento”. A declaração diz respeito a como eles deveriam dispensar a mensagem e os poderes do evangelho, e não se eles poderiam aceitar ou não sustento material das pessoas. Isto é, Jesus instruiu-os a realizar o seu ministério “de graça”, mas ao mesmo tempo esperava que todas as suas necessidades fossem supridas pelas pessoas que receberiam o benefício de sua obra. Seu propósito não era dizer que os discípulos deveriam recusar hospitalidade e pagamento, mas que eles não deveriam exigir compensação para cada unidade de trabalho feito ou cada instância de ministério.

Trata-se de uma prescrição de como uma pessoa deveria abordar a obra do ministério. A declaração, “vocês receberam de graça; deem também de graça”, foi feita logo após a comissão para pregar, curar, e expulsar demônios, e novamente, logo antes da instrução para esperar que aqueles que receberiam o ministério pagassem tudo. Em outras palavras, Pedro não poderia dizer a alguém que tinha um demônio: “Eu recebi o poder de Cristo para expulsar esse demônio, mas você deve me pagar essa quantia de dinheiro, ou não irei fazê-lo”. Não, ele devia expulsar o demônio sem cobrar nada, mas após isso, a pessoa que tinha sido liberta estava moralmente obrigada a compensar Pedro por seu trabalho. Ao agir assim, ele não estaria apenas sustentando Pedro, mas testemunharia por sua ação que endossava o evangelho de Jesus Cristo.

Suponha que alguém chegue até mim e diga: “Que devo fazer para ser salvo?”. Eu não devo responder: “Eu sei como você pode ser salvo. Pague-me essa quantia de dinheiro e eu lhe direi, mas se você não me pagar, vou deixar você ir para o inferno”. Não, eu devo pregar o evangelho a essa pessoa de graça, sem consideração quanto a se posso obter alguma recompensa material. Minha responsabilidade é ensinar-lhe a verdade, e fazê-lo sem favoritismo, não retendo nada. Sua responsabilidade é me reconhecer como um mensageiro de Deus que lhe traz boas novas que podem salvar sua alma, e então me oferecer sustento material. Como Paulo escreve: “Se entre vocês semeamos coisas espirituais, seria demais colhermos de vocês coisas materiais?” e “O que está sendo instruído na palavra partilhe todas as coisas boas com aquele que o instrui.” (2Co 9.11; Gl 6.6). Quer ele faça a sua parte ou não, eu farei a minha. Se ele é retardado, então eu abrirei mão dos meus direitos em prol do evangelho. Todavia, isso não o livra de sua responsabilidade perante Deus.

Claramente, tudo isso significa que é possível defraudar o ministro do seu justo salário, e isso é frequentemente o que acontece. Mas Deus é fiel. Ele suprirá todas as nossas necessidades de acordo com as suas riquezas gloriosas em Cristo Jesus. Ele vindicará os seus servos, e amaldiçoará aqueles que lhes roubam e oprimem. Portanto, pague os seus ministros. Se eles realizam bem o seu trabalho, pague-os bem, especialmente se trabalharem duro na pregação e no ensino.

Àqueles que trabalham no ministério, vocês não deveriam sentir nenhuma vergonha de receber sustento da parte dos fiéis. Se possível, a quantidade de sustento deveria ser suficiente para sustentar toda a sua família e ministério. Por mandamento de Deus, esse é o seu direito e essa é a obrigação deles. Ao ganhar a sua vida da obra do evangelho, pelo menos tanto quanto possível, vocês estão seguindo o exemplo de todos os apóstolos, incluindo Paulo, e também do Senhor Jesus, que de acordo com Lucas,

recebia sustento de um grupo de mulheres. A quantidade de dinheiro envolvida deve ter sido considerável, visto ter sido suficiente para sustentar a vida e as despesas de viagem de pelo menos treze pessoas (Lucas 8.3). Isso não significa necessariamente que todo o dinheiro deles procedesse dessas mulheres, mas o ponto é que eles aceitaram doações de auxiliadores, e que pegaram o suficiente para satisfazer as necessidades de mais de doze homens. De fato, eles tinham quantia suficiente para tornar necessário uma bolsa de dinheiro (João 12.6), e suficiente para dar um pouco aos pobres (parece que os discípulos consideravam isso como rotina; João 13.29), e até mesmo o suficiente para Judas roubar dela sem ser descoberto por alguém (pelo menos a princípio, visto que parece razoável assumir que os outros discípulos teriam reagido se tivessem conhecimento; João 12.6), exceto o Senhor, que conhecia sua verdadeira natureza desde o princípio (João 6.64, 70).

23. ESCÂNDALOS E DISCIPLINA

Não aceite acusação contra um presbítero, se não for apoiada por duas ou três testemunhas. Os que pecarem deverão ser repreendidos em público, para que os demais também tenham. (1 Timóteo 5.19-20)

Os detalhes dessa história me escapam, mas penso ter a essência dele. Alguns membros da igreja viram um pregador entrar num botequim e ficaram transtornado com isso. Aqueles de vocês que estão acostumados a usar “tudo o que Deus criou é bom” para justificar todas as suas atividades e associações poderiam não estender isso, visto que fazem coisas como essa o tempo todo e não podem perceber nada errado aqui. Mas alguns de nós cremos com Paulo que “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas edificam” (1 Coríntios 10.23, ACF). Todavia, esses membros de igrejas foram além da curiosidade, e assumiram que o pregador estava prestes a fazer algo errado. Mais tarde foi descoberto que o pregador entrou no estabelecimento com uma guitarra, subiu no palco e cantou umas poucas canções *gospel*. Sua performance comoveu tanto a audiência que alguns professaram fé em Cristo, e alguns foram trazidos da sua apostasia de volta à fé. Jesus nos ensinou a julgar não de acordo com a aparência, mas a fazer um julgamento justo (João 7.24). Algumas pessoas pensam que são cães de guarda de Deus, mas eles são apenas bisbilhoteiros que julgam as boas obras dos outros por suas próprias más intenções.

Os cristãos amam escândalos. Eles gostam de tomar conhecimento e falar sobre eles. Em vez de ser estudantes da Palavra de Deus, eles têm prazer em se tornar especialistas sobre quem disse ou fez o que a quem. Sem dúvida eles lamentam os escândalos, as falsas doutrinas e os fracassos morais dos outros. E como eles apreciam o lamento! Que válvula de escape emocional! Que forma maravilhosa de expressar indignação justa! Que atalho para uma sensação de santidade! Deve haver um mercado rentável para os tabloides de fofocas cristãs. Estou fora de contato com o clube de mexeriqueiros — talvez eles já existam, pelo menos na forma de sítios na internet.

Os cristãos amam os escândalos, pois estão entediados com o evangelho, e porque preferem alcançar um senso de justiça olhando para os fracassos de outros ao invés de confiar em Jesus Cristo e obedecer os seus mandamentos. Alguns deles publicam livros e sítios na internet que são quase inteiramente dedicados a relatar escândalos atuais e oferecer suas opiniões sobre os tais. E eles chamam isso de fazer apologética. Não importa se os escândalos pertencem à religião e doutrina, política, economia, educação, história ou ciência — eles amam todos eles. Nada excita-os mais do que uma nova heresia, ou a queda de uma figura religiosa ou política. Eles adoram nada mais que discutir como outra pessoa blasfemou o Senhor, e como outra nova tendência procura subverter a sua influência.

Então, os cristãos amam perdoar aqueles que estão envolvidos em escândalos, e amam fazer uma grande exibição do seu perdão. O ditado preferido deles é: “Aquele que não tem pecado, que lance a primeira pedra”. E com isso eles querem dizer a mesma coisa quando os não cristãos dizem: “Ninguém é perfeito”. Espere aí, quem diz mais isso, os cristãos ou os não cristãos? Os cristãos pregam o que os não cristãos dizem

tão frequentemente e com tanta convicção que é difícil dizer quais *slogans* estúpidos como esses deveriam ser atribuídos a um ou ao outro. Em todo caso, perdoar um escândalo sobre essa base faz os cristãos se sentirem muito generosos, e eles mal podem esperar o próximo escândalo para que possam perdoar esse também. Isso é admitidamente uma generalização. Muitos cristãos que gostam de escândalos ficam felizes o suficiente sem a parte do perdão.

Sem dúvida, podemos dizer que esses são cristãos maus. E se assim for, há uma superabundância de cristãos muito maus. O ensino da Bíblia sobre o assunto representa o oposto dessas duas tendências. Ele nos diz para odiar escândalos e evitar fofocas. Enquanto algo for mero boado, não quero ouvir sobre isso. Não é da minha conta. Não estou interessado nisso. Contudo, uma acusação que é sustentada por múltiplas testemunhas é outra questão. Se for descoberto que o líder de uma igreja está em pecado, que estejamos nos referindo à heresia, adultério ou alguma outra má conduta, não devemos encolher os ombros e chamar isso de perdão. A Bíblia nos ordena a expor e repreender publicamente essa pessoa, fazer dela um exemplo de forma que os outros possam temer o mesmo tratamento. Devemos exigir o seu arrependimento, e em muitos casos, a pessoa deveria ser removida do ofício.

O versículo 19 diz: “Não aceite acusação contra um presbítero, se não for apoiada por duas ou três testemunhas”. Isso não significa que uma acusação trazida por duas ou três testemunhas seja necessariamente verdadeira. É possível que as testemunhas sejam desonestas ou incompetentes. O ponto é que, a menos que uma acusação seja trazida por pelo menos duas testemunhas, “não aceite”. Isso é proteger o acusado de alegações injustas e frívolas. Nenhuma pessoa deveria ter sua reputação afetada ou sua obra arruinada por uma acusação sem fundamento. Essa proteção é especialmente importante para líderes da igreja, visto que sua obra torna-os o alvo de ataques invejosos e maliciosos do povo. O princípio é uma aplicação de Deuteronômio 19.15-21. Ali é dito que “os juízes investigarão o caso”. Assim, uma mera acusação não é suficiente para condenar um homem, mas uma acusação que parece ter alguma base é suficiente para exigir uma investigação.

A passagem também fornece um princípio sobre como lidar com um falso testemunho: “Se ficar provado que a testemunha mentiu e deu falso testemunho contra o seu próximo, deem-lhe a punição que ele planejava para o seu irmão. Eliminem o mal do meio de vocês. O restante do povo saberá disso e terá medo, e nunca mais se fará uma coisa dessas entre vocês. Não tenham piedade. Exijam vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé”. Deus olha para o perjúrio ou calúnia com extrema desaprovação, especialmente um falso testemunho com o potencial de arruinar outra pessoa. Como é dito nos Dez Mandamentos: “Não darás falso testemunho contra o teu próximo”. A igreja deve não somente considerar com seriedade acusações plausíveis, mas deve também compartilhar o ódio de Deus pelo falso testemunho.

A prescrição é “deem-lhe a punição que ele planejava para o seu irmão” e “eliminem o mal do meio de vocês”. Em nosso contexto, se for descoberto que um membro da igreja ofereceu falso testemunho contra um líder, com a intenção de embaraçá-lo, prejudicar sua reputação, solapar sua influência, ou mesmo removê-lo do ofício, então a repreensão e disciplina pública que teria sido aplicada ao líder deveria ser aplicada às falsas testemunhas. A igreja deveria abrir uma investigação contra esse

testemunho, e se for confirmado que ele ofereceu falso testemunho, a igreja deveria denunciá-lo em público, e exigir que ele se arrependa e faça qualquer restituição apropriada para resolver as coisas, incluindo uma apologia pública ao acusado e uma declaração pública de esclarecimento à congregação. Se for verificado que ele ofereceu deliberadamente falso testemunho, ele deveria ser removido de qualquer ofício da igreja que tenha, e despojado de toda autoridade e influência na igreja. A menos que o pleno arrependimento e restituição sejam oferecidos, ele é um perverso que deve ser eliminado da comunidade cristã — ele deveria ser excomungado.

Ora, qualquer líder de igreja que seja perverso o suficiente para merecer ser despedido, e qualquer membro de igreja que seja perverso o suficiente para acusar um líder inocente, é provavelmente também mal o suficiente para processar a igreja por reforçar a instrução bíblica de expor publicamente o ofensor. Muitos membros de igreja valorizam sua dignidade mais que os mandamentos de Deus e o bem-estar da igreja. O motivo é que existem muitos falsos crentes em nossas congregações. De fato, os processos decorrentes da disciplina eclesiástica não são desconhecidos. Portanto, seria sábio para uma igreja consultar um advogado a respeito de como ele pode permanecer protegida no que concerne as políticas bíblicas. Muitas dessas políticas deveriam ser declaradas no regimento interno da igreja, o qual os oficiais e membros assinariam obrigatoriamente antes de serem aceitos em suas posições.

24. O APÓSTOLO INSPIRADO VS. MERETRIZES ACADÊMICAS

Se alguém ensina falsas doutrinas e não concorda com a sã doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino que é segundo a piedade, é orgulhoso e nada entende. Esse tal mostra um interesse doentio por controvérsias e contendas acerca de palavras, que resultam em inveja, brigas, difamações, suspeitas malignas e atritos constantes entre aqueles que têm a mente corrompida e que são privados da verdade, os quais pensam que a piedade é fonte de lucro. (1 Timóteo 6.3-5)

Paulo fala sobre os falsos mestres continuamente. Como de costume, ele condena-os em termos fortes e descritivos, não oferecendo nenhuma bajulação e não mostrando nenhuma simpatia. Ele condena não somente as doutrinas, mas as pessoas. Ele condena não somente as ações, mas os motivos. Ele não convida os falsos mestres a se engajarem em diálogo com ele para produzir respeito e entendimento mútuo. O governo de Cristo não negocia com terroristas teológicos.

Os crentes de hoje tomam a abordagem oposta. Eles evitam condenações diretas e gráficas. Quando devem expressar discordância, eles introduzem suas declarações com bajulação, citando as credenciais dos falsos mestres e suas contribuições para a missão da igreja ou para o mundo acadêmico. Embora devam discordar, eles enfatizam que simpatizam com a perspectiva dos falsos mestres. Eles tentam se focar nas falsas doutrinas, e não nas pessoas que promovem-nas. Certamente, eles não vão se encarregar de condenar os motivos deles. Contrário aos exemplos do Senhor Jesus, dos profetas, e dos apóstolos, que frequentemente falavam dos motivos das pessoas, que por definição tornaria isso algo cristão a se fazer, eles antes pensam que tal atitude é anticristã. As únicas pessoas que eles condenariam tão duramente quanto Paulo são aqueles que condenam os falsos mestres tão duramente quanto Paulo o fazia. Com o restante, eles preferem a bajulação e a concessão mútua.

Esses crentes modernos agem por um padrão ético que procede do mundo, dos não cristãos, e não da Escritura. Eles se tornaram decentes e profissionais de acordo com o padrão do mundo. Por um pouco de respeito, por um pouco de credibilidade acadêmica, eles se venderam aos incrédulos, e se tornaram suas meretrizes. Então eles têm a ousadia de se virar e condenar aqueles que seguem o exemplo de Paulo como lunáticos sem amor, que usam “xingamentos” e argumentos “ad hominem”. Adivinhe quem lhes ensinou a dizer isso!

Admitidamente, não há nenhuma necessidade de lançar uma enxurrada de xingamentos todas as vezes que detectamos uma pequena discordância. Algumas diferenças doutrinárias podem ser discutidas cordialmente, e corrigidas ao longo de um período de tempo. Os erros que Paulo tinha em mente, quer por contradição direta ou por implicação, solapariam alguns princípios centrais do evangelho de Jesus Cristo. Dito isto, o fato é que muitos erros e diferenças doutrinárias fazem precisamente isso. Elas são mais que discordâncias pequenas, e desafiam a supremacia de Cristo ou seu

status como o único mediador entre Deus e os homens. Se, como uma questão de princípio, um cristão recusa condenar falsos mestres na mais dura e vívida linguagem, deixar de oferecer-lhes bajulação, simpatia ou concessão, e rejeita condenar suas pessoas e motivos, mas até mesmo critica aqueles que o fazem, então, para dizer o mínimo, ele está aquém do modelo bíblico. Ele é infiel ao Senhor Jesus.

25. O SEGREDO DO CONTENTAMENTO

De fato, a piedade com contentamento é grande fonte de lucro, pois nada trouxemos para este mundo e dele nada podemos levar; por isso, tendo o que comer e com que vestir-nos, estejamos com isso satisfeitos. Os que querem ficar ricos caem em tentação, em armadilhas e em muitos desejos descontrolados e nocivos, que levam os homens a mergulharem na ruína e na destruição, pois o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males. Algumas pessoas, por cobiçarem o dinheiro, desviaram-se da fé e se atormentaram com muitos sofrimentos. (1 Timóteo 6.6-10)

Os falsos mestres pensam que “a piedade é fonte de lucro”. Talvez nem todos falsos mestres pensem dessa forma, mas há alguns que sim. Embora Paulo possa ter indivíduos específicos em mente, a declaração em si leva a aplicações mais amplas. Alguns falsos mestres agem dentro de congregações cristãs. Então, há outros que se dirigem a uma audiência mais ampla, mas que tentam infiltrar suas ideias em congregações. Eles ensinam várias filosofias, especulações e abordagens à vida que desviam as pessoas do evangelho puro de Jesus Cristo. Eles apelam a luxúrias, esperanças e desesperos dos homens, inspirando-os por todas as razões erradas, e motivando-os com fundamentos falsos e enganosos. Aqueles que não estão firmados num entendimento sadio das doutrinas bíblicas são cativados em seu pensamento por fábulas e teorias estranhas, e uma vez que os falsos mestres tenham capturado suas mentes, eles capturaram suas carteiras também.

A espiritualidade é uma indústria enorme. Há somente uma verdade, mas muitas alternativas a ela, e essa indústria abraça todas elas. Para o tipo mais intelectual, ou aqueles que gostam de pensar que são, existem heresias que são complexas e técnicas. Para o tipo místico, existem a Nova Era e os ensinamentos ocultos. Para aqueles que desejam melhorar a si mesmos à parte do arrependimento, da fé e do poder de Deus mediante Jesus Cristo, há milhares de gurus de inspiração para escolher. Eles estão devotados a fazer com que até o pior perdedor sinta-se como um vencedor. Para aqueles que desejam saúde de consciência, e aqueles que desejam obter paz sem a verdade, e tranquilidade sem redenção, há vários tipos de meditação, ioga e hipnose. Para a mentalidade científica, ou aqueles que gostam da pseudo-ciência, como se houvesse diferença, existem materiais produzidos por psicólogos, médicos e outros pesquisadores. As pessoas pagarão pelo que desejam. Elas pagarão por explicações, por histórias, por soluções. E sempre haverá mestres que lhes darão o que eles querem por um preço.

Paulo escreve: “Pois o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males”.² Primeiro, o versículo não diz que o *dinheiro* em si é a raiz de todos os tipos de males, mas que o *amor ao dinheiro* é a raiz de todos os tipos de males. Isso significa que tanto o rico

² Na NIV, versão utilizada pelo autor, lemos assim: “Pois o amor ao dinheiro é uma raiz de todos os tipos de males”. [N. do T.]

como o pobre podem ser culpados disso. Ninguém deveria se julgar a salvo dessa armadilha pela quantidade de riqueza que possui. De fato, não existe nenhuma relação necessária entre as duas coisas. Se você ama o dinheiro — quer para ganhar mais, ou para guardar o que tem — Paulo está falando sobre você. Segundo, o versículo não diz que o amor ao dinheiro é *a raiz de todas as ocorrências* de males, mas que é *uma raiz de todos os tipos* de males. Em outras palavras, o amor ao dinheiro tem produzir males de todos os tipos, mas ele não é a causa ou o motivo para cada ocorrência de mal, e a declaração deixa lugar para outras causas e motivos para o mal.

Uma pessoa que ama o dinheiro é fraca e vulnerável. O mundo tem algo que ela deseja, e ela é mais susceptível a comprometer a verdade e a consciência para conseguir isso. Ela é susceptível à tentação, visto que existe algo em sua alma ao que o diabo pode apelar a fim de manipulá-la. O amor ao dinheiro pode levar ao total desastre: “Algumas pessoas, por cobiçarem o dinheiro, desviaram-se da fé e se atormentaram com muitos sofrimentos”. Uma pessoa que ama o dinheiro é uma tola. Como Jesus disse, “Pois, que adiantará ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mt 16.26). E o que é mais provável, ele não ganhará o mundo todo, nem mesmo uma pequena parte dele, e ainda perderá a sua alma.

O contentamento concede a uma pessoa imunidade contra a tentação. Paulo escreve: “Os que querem ficar ricos caem em tentação, em armadilhas e em muitos desejos descontrolados e nocivos, que levam os homens a mergulharem na ruína e na destruição”. Uma pessoa que está contente, por definição, não pode ser dominada por “desejos descontrolados e nocivos”. Mas o poder do contentamento é muito mais amplo, em razão da tentação apelar a alguma necessidade ou desejo, e dessa forma à insatisfação dentro da pessoa. Eva não caiu da justiça por essa razão? Satanás não ofereceu a ela dinheiro, mas suscitou descontentamento nela, e então apoderou-se disso e sugeriu uma solução que a mergulhou “na ruína e na destruição”. Nunca subestime o poder do contentamento, ou o perigo do seu oposto.

A palavra para “contentamento” procede de um termo estóico que refere-se a auto-suficiência. Se eu sou auto-suficiente, não posso ser subornado ou intimado. Você não tem nada que eu queira. Não existe nenhum desejo em mim que você possa usar para me seduzir ou controlar. Eu sou intocável. Dessa forma, o contentamento não é uma fraqueza, mas uma força interior que capacita uma pessoa a possuir a si mesma e exercer auto-controle. É uma qualidade interior que concede a uma pessoa independência, e liberta-a da pressão de circunstâncias externas.

Todavia, a despeito do que a filosofia estóica queira dizer com o termo, ela toma um significado cristão no uso de Paulo. Em outro lugar ele chama o contentamento de um “segredo” para a vida cristã. Ele escreve: “Não estou dizendo isso porque esteja necessitado, pois aprendi a adaptar-me a toda e qualquer circunstância. Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura. Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação, seja bem alimentado, seja com fome, tendo muito, ou passando necessidade” (Filipenses 4.11-12). Há o elemento de auto-suficiência, de independência

das circunstâncias. Isso não significa que ele nunca teve algo, visto dizer “sei o que é ter fartura”. Mas significa que o contentamento não é afetado pelas circunstâncias. Ele está contente quando tem fartura. Ele está contente quando está passando necessidade.

Então, Paulo nos diz a razão, ou a base, para o seu contentamento: “Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação... *Tudo posso naquele que me fortalece*” (v. 12-13).

Aprendemos que esse “segredo” não é alguma senha secreta ou encantamento, ou alguma técnica que, se fielmente praticada, levaria uma pessoa a alturas místicas, acima de todos os seus cuidados e problemas. Antes, esse segredo de poder para serviço e imunidade à tentação deriva-se da essência do evangelho — confiança no Senhor Jesus Cristo. Isso significa que todos os cristãos têm o potencial para alcançar isso. Os recursos de Cristo estão abertos a todos os que creem. E isso também significa a exclusão de todos os não cristãos. Embora sejam declarados a céu aberto, os recursos estão fechados para os incrédulos. A Bíblia diz que eles estão sem Deus e sem esperança. O contentamento não cristão é uma falsificação, e um faz de conta, e uma distorção da personalidade humana. O verdadeiro contentamento é encontrado somente em Cristo, e enquanto os não cristãos rejeitarem o evangelho, ele permanecerá fora do seu alcance. É algo que eles são incapazes de obter, mesmo que o “segredo” seja claramente explicado a eles.

Além do mais, aprendemos que a auto-suficiência associada com contentamento é relativa. Não é uma auto-suficiência absoluta e suprema. Somente Deus é auto-suficiente neste sentido. Mas ela é uma independência das circunstâncias, e de outras criaturas e objetos. Certamente, ela não se refere a uma independência de Deus. De fato, significa o oposto – a base do contentamento cristão, a qualidade que torna uma pessoa incapaz de ser afetada pelas circunstâncias, é uma completa dependência de Deus, e dos recursos que ele tornou disponíveis a nós por meio de Jesus Cristo.

Isso nos leva à lição mais importante sobre contentamento. Isto é, contentamento não é primariamente negativo, mas há um forte foco positivo. Ele não é alcançado por uma mera negação de desejos, que esvazia alguém. Antes, equivale a um foco deliberado sobre os tesouros imensuráveis que já possuímos em Cristo. Ele não é produzido por um exercício de força de vontade, mas é um resultado natural do conhecimento. E ao invés de indiferença, ele é caracterizado por uma obsessão pelas riquezas verdadeiras. Contentamento, portanto, não é uma satisfação com derrota e carência, mas uma afirmação de nossa vitória e abundância em Jesus Cristo.

26. COMBATA O BOM COMBATE

Você, porém, homem de Deus, fuja de tudo isso e busque a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança e a mansidão. Combata o bom combate da fé. Tome posse da vida eterna, para a qual você foi chamado e fez a boa confissão na presença de muitas testemunhas. Diante de Deus, que a tudo dá vida, e de Cristo Jesus, que diante de Pôncio Pilatos fez a boa confissão, eu lhe recomendo: Guarde este mandamento imaculado e irrepreensível, até a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo, a qual Deus fará se cumprir no seu devido tempo. Ele é o bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que é imortal e habita em luz inacessível, a quem ninguém viu nem pode ver. A ele sejam honra e poder para sempre. Amém. (1 Timóteo 6.11-16)

A vida cristã é um combate. Ora, um cristão pode lutar com dúvidas, temores, cobiças, perplexidades doutrinárias, e coisas semelhantes, e falando de um modo geral, isso faz parte da luta na qual todo crente se engaja. Ela tem a ver com o crescimento pessoal do indivíduo no conhecimento e na santificação. Mas nossa passagem está falando sobre o combate “da fé”, sobre a religião cristã como um sistema de pensamento e uma forma de vida, e seu progresso e proeminência no mundo. A passagem refere-se ao aspecto objetivo e público do combate.

A própria carta nos diz o que está envolvido neste combate. Paulo diz a Timóteo para “ordenar a certas pessoas que não mais ensinem doutrinas falsas”. Ele instrui os crentes a fazer orações e intercessões por todos os tipos de pessoas, incluindo aqueles em autoridade, de forma que possamos viver vidas pacíficas e tranquilas. Ele apresenta princípios para a seleção de presbíteros e diáconos. Adverte contra as doutrinas de demônios. Ele exorta Timóteo a entregar-se inteiramente à sua vida e doutrina. Seu progresso deve ter um efeito público. Paulo dá instruções sobre caridade, e aqui o combate é contra a negligência de viúvas por parentes, e contras viúvas ímpias reivindicando sustento por parte da igreja. Os presbíteros que realizam bem o seu trabalho devem ser bem pagos, especialmente aqueles cujo trabalho é pregar e ensinar, mas os presbíteros que pecam devem ser publicamente repreendidos.

O combate, portanto, é travado em favor “da fé” — para promover a sã doutrina, para estabelecer a ordem na igreja, para manter uma reputação excelente para o evangelho de Jesus Cristo, e para contra-atacar as influências más deste mundo. Há muita oposição contra a fé cristã. Há somente um caminho para Deus e para a salvação, mas o mundo inventa muitas alternativas para afastar as pessoas da verdade. Os não cristãos, ou ímpios, argumentam contra nós. Eles nos maltratam e nos perseguem. Eles tentam questionar cada um dos nossos esforços em dizer a verdade e praticar boas

obras. Eles farão o que puderem para que comprometamos ou mesmo renunciemos a nossa fé. Combater pela fé significa que, mesmo em face de tudo isso, faremos “a boa confissão” e a sustentaremos.

Nosso modelo supremo é o Senhor Jesus Cristo, que fez “a boa confissão” quando testificou perante Pôncio Pilatos. Jesus disse que era um rei, que veio para este mundo a fim de testemunhar sobre a verdade, e que todos os que estão do lado a verdade o ouviriam (João 18.37). Como seus discípulos, mantemos essa mesma confissão perante a igreja e o mundo: Jesus Cristo é o Rei dos reis e o Senhor dos senhores. Ele veio ao mundo e deu testemunho da verdade, e todos os que estão do lado da verdade ouvem o que ele disse. Na pregação da sua palavra, todos os que estão do lado da verdade concordarão e se submeterão, e todos os que não concordam e se submetem não estão do lado da verdade. Qualquer um que resista ao decreto do rei é um rebelde e um traidor. A penalidade é a execução. E sob o governo de Cristo, isso significa enxofre e o fogo do inferno.